

ANNIE BESANT

# KARMA

PENSAMENTO

## Índice

<a href="#">PREFACIO.....</a>	<a href="#">2</a>
<a href="#">K A R M A.....</a>	<a href="#">3</a>
<a href="#">A INVARIABILIDADE DA LEI.....</a>	<a href="#">5</a>
<a href="#">OS PLANOS DA NATUREZA.....</a>	<a href="#">7</a>
<a href="#">A GERAÇÃO DAS FORMAS-PENSAMENTOS.....</a>	<a href="#">12</a>
<a href="#">A ATIVIDADE DAS FORMAS-PENSAMENTOS.....</a>	<a href="#">16</a>
<a href="#">COMO, EM PRINCÍPIO, SE FORMA O KARMA.....</a>	<a href="#">22</a>
<a href="#">DETALHES DA FORMAÇÃO DO KARMA.....</a>	<a href="#">31</a>
<a href="#">O FUNCIONAMENTO DO KARMA.....</a>	<a href="#">43</a>
<a href="#">COMO SE DEVEM ENCARAR OS RESULTADOS KÁRMICOS.....</a>	<a href="#">54</a>
<a href="#">A CONSTRUÇÃO DO FUTURO.....</a>	<a href="#">57</a>
<a href="#">O APROVEITAMENTO DO KARMA.....</a>	<a href="#">60</a>
<a href="#">O FIM DO KARMA.....</a>	<a href="#">66</a>
<a href="#">O KARMA COLETIVO.....</a>	<a href="#">72</a>
<a href="#">CONCLUSÃO.....</a>	<a href="#">79</a>

## **PREFACIO**

Poucas palavras bastam para a apresentação deste pequeno volume. Pertence a uma série de manuais publicada para satisfazer o desejo daqueles que reclamam uma exposição simples e clara das doutrinas teosóficas. Muita gente se tem queixado de que a nossa literatura é ao mesmo tempo muito abstrusa, demasiado técnica e bastante cara para a grande maioria dos leitores. Estamos esperançosos de que esta nova série, correspondendo a uma verdadeira necessidade, preencherá essa lacuna. A Teosofia não é só para os sábios e eruditos, é para todos. É possível que dentre aqueles que nestes pequenos volumes elementares beberam as primeiras idéias das suas doutrinas surjam alguns que sejam levados por elas a, penetrar mais fundo nos seus aspectos científico, religioso e filosófico, encarando os problemas teosóficos com o zelo do investigador e com o entusiasmo do neófito. Mas não foi para o investigador, ávido de conhecimento, para quem não há dificuldades iniciais que o amedrontem, que se escreveram, mas sim para todos os indivíduos, de ambos os sexos, que, mergulhados na labuta diária das suas ocupações, procuram assimilar algumas das grandes verdades que tornam a vida mais fácil de viver e a morte mais fácil de encarar. Escritos pelos servos dos Mestres, que são os Irmãos Primogênitos da nossa raça, o seu único objetivo consiste em servir os nossos semelhantes.

## **K A R M A**

Cada pensamento humano que começa a sua evolução passa para o mundo interior e torna-se uma entidade ativa, pela sua associação, ou pelo que se poderia chamar, sua fusão com um Elemental, isto é, com uma das forças semi-inteligentes dos diversos reinos da Natureza. Sobrevive como inteligência ativa, como um ser gerado pelo Espírito, durante um espaço de tempo proporcional à intensidade inicial da ação cerebral que o gerou. Um pensamento bom perpetua-se num poder benéfico e ativo; um pensamento mau perpetua-se num demônio maléfico. Por esta forma, o homem está continuamente povoando a corrente que o cerca no espaço com um mundo seu, cheio de produtos da sua imaginação, dos seus desejos, impulsos e paixões; esta corrente, por sua vez, vai agir sobre todo o organismo nervoso ou sensitivo, com que entra em contato, com uma força proporcional à intensidade dinâmica. O budista chama-lhe "Skandha"; o hindu dá-lhe o nome de KARMA. O Adepto preserva estas formas conscientemente; os outros homens desfazem-se delas inconscientemente.

É impossível definir melhor a natureza essencial do Karma, do que por estas palavras, tiradas duma das primeiras cartas do Mahtma Koot Hoomi<sup>1</sup>, dirigidas a Mr. Sinnett.

Aquele que as compreender com clareza, em tudo que elas encerram, verá desanuviar-se-lhe o espírito e desvanecer-se a maior das dificuldades inerentes ao assunto e aprenderá o princípio fundamental da operação kármica. É por isso que as consideramos como os melhores guias na linha de estudo a seguir; e, antes de mais nada, vamos abordar de frente os poderes criadores do homem; e só uma coisa pedimos, à maneira de introdução, que os leitores tenham uma idéia clara e nítida da invariabilidade da Lei e dos três grandes planos da Natureza.

---

<sup>1</sup> A correspondência a que se alude vem em O Mundo Oculto, n.º VI da Coleção Teosófica e Esotérica, edição da Livraria Clássica Editora, Lisboa.

## **A INVARIABILIDADE DA LEI**

Todos nós vivemos no domínio da lei; estamos cercados de leis cujos efeitos não podemos contrariar; nada de mais evidente. E, contudo, mal nós reconhecemos que este fato faz realmente parte integrante da vida, mal a existência deste fato nos aparece no mundo moral e mental, como no físico, senti-mo-nos tentados até certo ponto a abandonar-nos ao sentimento da nossa fraqueza, como terrível poder, que, apoderando-se de nós, nos fizesse andar aos baldões, a seu bel-prazer. Mas é precisamente o contrário que sucede; porque esse terrível poder, uma vez que o tenhamos compreendido, leva-nos obedientemente para onde "nós" quisermos ir. Toda a força da Natureza pode ser utilizada pelo homem, em maior ou menor grau. E este grau de utilização das forças da Natureza é proporcional à inteligência e ao conhecimento que o homem tem delas. A Natureza submete-se pela força, e as suas energias, fortes e irresistíveis,

estão às nossas ordens, desde o momento em que, com conhecimento de causa, saibamos agir com elas e não contra elas. Nas suas reservas inexoráveis, temos a faculdade de escolher as forças apropriadas ao fim que nos propomos atingir, quer pelo seu ritmo, pela sua direção ou qualquer outra propriedade adequada; é precisamente a sua invariabilidade a melhor garantia do nosso sucesso.

É também na invariabilidade da lei que assenta a garantia das experiências científicas, a possibilidade de prever um resultado e de predizer o futuro. Graças a esta constância da lei, o químico tem a certeza de que a Natureza responderá sempre da mesma maneira às perguntas feitas com precisão e rigor; por isso, qualquer mudança nos resultados esperados deve atribuir-se — e o homem de ciência assim o pensa — a qualquer variação na maneira de operar e nunca à Natureza. E o mesmo sucede com toda a ação humana: quanto mais se apóia no conhecimento, tanto mais certo é o resultado previsto; uma vez que todo "acidente" provém da ignorância e é devido à ação de leis desconhecidas ou descuradas. No mundo mental e moral, como no mundo físico, os resultados podem prever-se, podem ser preparados e calculados. A Natureza nunca nos atraiçoa. O conhecimento aumenta, em todos os planos, quando o poder aumenta: a onisciência e a onipotência são uma e a mesma coisa.

E sendo a lei invariável nos mundos mental e moral é natural que o seja também no mundo físico, visto que o Universo emana do UNO; aquilo a que chamamos lei é apenas a expressão da Natureza Divina. Assim como tudo emana da vida una, tudo é sustentado por essa Lei una; os

mundos repousam sobre esta rocha da Natureza Divina, como sobre um alicerce firme e inabalável.

## **OS PLANOS DA NATUREZA**

Para bem compreendermos o funcionamento do Karma, segundo a linha indicada pelo Mestre Koot Hoomi, é necessário ter uma concepção clara dos três planos inferiores, ou regiões do Universo, e dos princípios que lhes dizem respeito. As designações por que são conhecidos indicam o estado que a consciência assume ao funcionar em cada um deles. Para melhor compreensão, tracemos um diagrama indicativo dos diversos planos, dos princípios correspondentes e dos veículos nos quais uma

entidade consciente pode visitá-los. Em ocultismo prático, o estudante aprende a explorar estes planos e a transformar, por meio das próprias investigações, a teoria em conhecimento. O veículo inferior, o corpo grosseiro, serve para o trabalho da consciência no plano físico, onde a atividade desta é limitada pelas faculdades do cérebro. A palavra corpo sutil compreende uma variedade de corpo astral apropriado às condições mutáveis da complicada região designada "pelo nome de plano psíquico. No plano devachânico há duas regiões perfeitamente caracterizadas, a região da forma, e a região sem-forma. Na primeira, a mais inferior, a consciência serve-se de um corpo artificial, o Mâyâvi-Rupa; o termo "corpo mental" parece também adequado, porque indica que a matéria de que é feito pertence ao plano Manas. Na região sem-forma, é o corpo causal o utilizado. Quanto ao plano Búdico, é desnecessário ocuparmo-nos dele.

Mas a matéria não está no mesmo estado em todos estes planos; em geral, a de um plano qualquer é mais densa do que a do plano que lhe é superior, conforme a analogia reinante na Natureza; visto que a evolução, na sua marcha ascendente, parte do rarefeito para o denso, do sutil para o grosseiro. Além disso, estes planos são habitados por numerosas hierarquias de seres, desde as Inteligências elevadas da região espiritual, até aos elementais semiconscientes mais ínfimos do mundo físico. Em cada um dos planos existem unidos, em cada átomo, o espírito e a matéria; o espírito é a vida do átomo, a matéria o seu corpo; toda agregação independente, qualquer forma separada, seja qual for a sua forma ou tipo, é animada por estes seres vivos, e muda de degrau na escala da evolução segundo as variações sofridas pela forma. Não existe



forma que não seja animada; mas a entidade que a anima é que pode ser uma das Inteligências mais elevadas, um elemental dos mais ínfimos ou um dos seres compreendidos na multidão inumerável que se estende entre estes dois extremos.

A T M A		
Sushúptico	BUDDHI	<i>Veículo:</i> Corpo espiritual
Devachânico ou mental	MANAS	<i>Veículo:</i> I — Corpo mental II — Corpo causal
Psíquico ou astral	KAMA-MANAS KAMA	<i>Veículo:</i> Corpo sutil
Físico	LINGA-SHARIRA STHULA-SHARIRA	<i>Veículo:</i> Corpo grosseiro

É das entidades do corpo psíquico que nos vamos ocupar mais particularmente, por serem elas que dão ao homem o seu corpo de desejos (Kama-Rupa) — ou corpo de sensação, como também é chamado; e por serem formadas na sua matriz astral e lhe vivificarem os sentidos astrais. Servindo--nos de um termo técnico, estas entidades são os

elementais da forma (Rupa-Devatas) do mundo animal; são os, agentes das modificações que transmutam as vibrações em sensações.

A característica mais flagrante dos elementais kânicos é a sensação, isto é, a faculdade dupla de responder às vibrações e recebê-las. No plano kânico pululam estas entidades, com graus de consciência diferentes, que recebem toda e qualquer espécie de impulsos e os transformam em sensações.

Conseqüentemente, todo ser que possuir um corpo constituído pela agregação destes elementais é capaz de sensação; é por intermédio de um corpo assim que o homem sente. O homem não é consciente nem nas partículas do corpo, nem sequer nas células; estas têm uma consciência própria que lhes permite a execução dos diferentes atos desta parte da vida, caracterizadamente vegetativa; mas o homem, de cujo corpo elas são parte constituinte, não compartilha da consciência delas, não pode nem ajudá-las nem contrariá-las no seu trabalho de escolha, assimilação, ou construção; não lhe é possível em qualquer momento pôr a consciência em ligação com a consciência de uma célula do coração, por exemplo, a tal ponto que possa dizer exatamente o que ela faz. A consciência humana funciona normalmente no plano psíquico e ainda nas regiões psíquicas superiores onde atua o mental, este mental está combinado com Kama, porque o mental puro não funciona no plano astral.

O plano astral transborda de elementais semelhantes aos que entram no corpo de desejos do homem e que formam também o corpo de desejos mais simples do animal inferior. Por meio desta parte da sua constituição o homem entra em contato direto com os elementais e forma,

por intermédio deles, laços com todos os objetos que o cercam, quer sejam atrativos ou repulsivos.

Por meio da vontade, das emoções e dos desejos, influencia esses inúmeros seres cuja sensibilidade responde às vibrações que ele irradia de si em todos os sentidos. O próprio corpo de desejos funciona como uma espécie de aparelho reversível, mudando em sensações as vibrações centrípetas e transformando em vibrações as sensações centrífugas.

## **A GERAÇÃO DAS FORMAS-PENSAMENTOS**

Estamos agora em condições de melhor compreensão das palavras do Mestre. O espírito, ao agir na região que lhe é própria, na matéria sutil do plano psíquico superior, gera imagens, formas-pensamentos<sup>2</sup>. À imaginação tem-se chamado, com muitíssima propriedade, a faculdade criadora do espírito; e mal sabem aqueles que se servem desta aparente metáfora, quanto a expressão é literalmente verdadeira. Esta faculdade, de dar à luz imagens, é o poder característico do espírito; um vocábulo é apenas uma tentativa de representação parcial de uma imagem mental. Uma idéia, uma imagem mental, é sempre complicada; para a traduzir com propriedade, pode ser necessária uma frase completa; se nos servimos de uma só palavra para a representar, é porque tomamos apenas uma das suas particularidades mais flagrantes, e com esta exprimimos, embora muito imperfeitamente, o todo. Quando dizemos "triângulo", esta palavra evoca no espírito de quem a ouve uma imagem que, para ser perfeitamente expressa por meio de palavras, exigiria uma longa descrição.

È por meio de símbolos que o homem pensa e depois, a pouco e pouco, laboriosamente, resume com imperfeição os símbolos em palavras. Nas regiões onde o espírito fala ao espírito, a expressão é perfeita, e muito acima de tudo que possa ser expresso por palavras; mesmo na transmissão de pensamento de ordem pouco elevada, não transmitimos vocábulos, mas sim idéias. O orador traduz, o melhor que pode, por meio

---

<sup>2</sup> Vide A Vida Depois da Morte — capítulo adicional por Annie Besant, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

de palavras, um certo quadro das suas imagens mentais; essas palavras fazem nascer no espírito dos ouvintes imagens correspondentes àquelas que ele tem no seu. O espírito opera com quadros, com imagens e não com palavras; a metade das controvérsias e dos mal-entendidos provém do fato de a maior parte das vezes nós aplicarmos as mesmas palavras a imagens diferentes, ou representarmos as mesmas imagens servindo-nos de palavras diferentes.

A forma-pensamento é pois uma imagem mental criada — ou moldada — pelo espírito, com a matéria sutil do plano psíquico superior, onde, como vimos, ele funciona, Esta forma, constituída por átomos da matéria dessa região, animados de um movimento vibratório rápido, suscita em volta de si vibrações; estas farão nascer sensações de som e de cor em todas as entidades suscetíveis de as traduzir como tais; e como a forma-pensamento foge e sai ou — servindo-nos de uma expressão que talvez exprima melhor este movimento — mergulha mais fundo na matéria mais densa das regiões psíquicas inferiores, essas vibrações espalham-se em todas as direções sob a forma de cor com som, e atraem os elementais desta cor à forma-pensamento de onde provêm.

Todos os elementais, como todas as outras partes do Universo, pertencem a um ou a outro dos sete raios primários, dos sete primeiros Filhos da Luz. A luz branca procede do terceiro Logos — Espírito Divino — manifestando na forma de sete raios, os "Sete Espíritos que estão em frente do Trono"; cada um destes raios comporta sete sub-raios, e assim por diante, em subdivisões consecutivas. Há pois, no meio das diferenciações sem fim que compõem um universo, elementais que

correspondem a estas diversas subdivisões, e para se entrar em comunicação com eles é mister o emprego de uma linguagem de cores baseada na "nuance" a que elas pertencem. É por isso que o conhecimento real do som, da cor e dos números — o número é a base do som e da cor — sempre se conservou tão secreto, visto poder a vontade servir-se destes para comunicar-se com os elementais, e ser esse conhecimento que nos dá o poder de os dominar.

O Mestre Koot-Toomi refere-se nitidamente à linguagem das cores, quando diz numa das suas cartas a Mr. Sinnett:

*"Como poderia, pois fazer-se entender, fazer-se "obedecer" por essas Forças semi-inteligentes, que se comunicam conosco, não por meio de palavras articuladas, mas por meio de sons e cores, de cuja correlação de vibrações nasce uma linguagem? O som, a luz e a cor são os fatores principais dessas categorias de inteligências, desses seres de que o meu amigo não tem a mais pequena concepção, e em que nem sequer lhe é permitido crer, porque os ateus e cristãos, materialistas e espiritualistas, todos porfiam em criar argumentos contra tal crença, não falando na Ciência que é o pior inimigo de tão "degradante" superstição<sup>3</sup>."*

Os investigadores que têm estudado o passado devem lembrar-se de alusões veladas feitas de vez em quando a uma linguagem de cores, por exemplo, no Egito antigo, em que se escreviam os manuscritos sagrados em cores e se puniam de morte os erros de cópia. Mas não quero enveredar por esse caminho tão afastado, embora tão atraente. Assentemos simplesmente neste fato: é por meio de cores que se

---

<sup>3</sup> O Mundo Oculto, edição portuguesa, pág. 190 – edição da Livraria Clássica Lisboa

comunica com os elementais, e as palavras coloridas são para eles tão inteligíveis como as palavras faladas o são para os homens.

A nuança da cor sonora depende do motivo que inspira o autor da forma-pensamento. Se o motivo é puro, generoso, beneficente, a cor produzida atrairá para a forma-pensamento um elemental que se revestirá do caráter do motivo instigador e atuará no sentido designado. O elemental que penetra na forma-pensamento faz o papel de alma; daqui resulta a formação no mundo astral de uma entidade independente, de caráter benéfico. Se, pelo contrário, o motivo é baixo, vingativo, maléfico, a cor primitiva atrairá um elemental que, de uma forma análoga, se revestirá da característica imposta à forma e atuará segundo a linha assim traçada. Neste caso também o elemental entra na forma-pensamento, fazendo, aí, analogamente o papel de alma, e constitui no mundo astral uma entidade independente, de um caráter maléfico. Por exemplo, um pensamento de cólera emitirá um relâmpago vermelho, visto a forma de vibração da forma-pensamento da cólera ser tal que produz o vermelho; este relâmpago vermelho chama a si elementais que se projetam para quem os atrai, e um deles penetra a forma-pensamento e dá-lhe uma atividade independente, de um gênero destrutivo e desorganizador.

Sem dar por isso, os homens estão constantemente falando esta linguagem das cores e chamam assim à volta deles estes enxames de elementais que se estabelecem nas diversas formas-pensamentos disponíveis. É deste modo que o homem povoa a sua corrente no espaço com um mundo seu, cheio dos produtos da sua imaginação, dos seus desejos, dos seus impulsos e das suas paixões. De todos os lados, anjos e

demônios criados por nós mesmos acodem em massa, rodeiam-nos, agentes do bem ou do mal, para o próximo como para nós, constituindo um verdadeiro exército kâmico.

Os clarividentes têm a faculdade de perceber, na aura que envolve cada pessoa, certas cores, cujo brilho varia constantemente; cada pensamento, cada sentimento traduz-se assim no mundo astral e torna-se perceptível para a vista astral. Aqueles que obtiveram um desenvolvimento maior do que os clarividentes vulgares podem ver também as formas-pensamentos e os efeitos produzidos por relâmpagos coloridos entre as hordas de elementais.

## **A ATIVIDADE DAS FORMAS-PENSAMENTOS**

As formas-pensamentos, animadas pelos elementais, têm uma existência cuja duração depende, em primeiro lugar, da intensidade inicial de energia que o seu criador humano lhe dá e, em segundo, do alimento que depois lhe é ministrado pela repetição do mesmo pensamento, proveniente do autor ou de outra pessoa. Esta repetição pode intensificar-lhes continuamente a existência. Qualquer pensamento, seja ele de que natureza for, uma vez chocado, adquire, se for objeto de uma meditação freqüente, uma grande estabilidade de forma no plano psíquico. E, da mesma maneira, as formas-pensamentos de natureza semelhante atraem-



se, reforçam-se mutuamente, constituindo uma fonte abundante de energia e de intensidade que lhes dá a faculdade de agir no mundo astral.

As formas-pensamentos estão ligadas ao seu autor por laços que, à falta de melhor expressão, chamaremos magnéticos; e reagindo sobre ele, incitam-no à sua reprodução; e, quando, como no caso supracitado, venham a ser forçadas pela repetição, cria-se geralmente um hábito de pensar bem definido, um verdadeiro hábito adquirido de pensar numa certa direção, cuja resultante é a formação de um mundo característico de pensamentos individuais; benéficos, se provêm de uma natureza elevada (um ideal nobre, por exemplo), mas a maior parte das vezes prejudiciais, em geral, e em particular ao desenvolvimento mental.

Analisemos mais detalhadamente a formação deste hábito, que nos pode mostrar, em ponto pequeno, mas de uma forma conveniente, o funcionamento do Karma. Suponhamos que pudéssemos tomar um mental, pronto a funcionar, sem que ele tivesse nenhuma atividade passada — caso impossível, bem entendido, mera hipótese que nos servirá para o estudo deste ponto especial. Imaginemo-lo trabalhando espontaneamente, na mais completa liberdade, até produzir uma forma-pensamento; à força de a repetir, nascerá um hábito de pensar, hábito bem definido em que o pensamento se insinua inconscientemente, e graças ao qual as suas energias se canalizam sem qualquer esforço caracterizado e determinado da vontade. Admitamos agora que o mental, considerando esse hábito um entrave ao seu progresso, reage contra ele; porque, originariamente o hábito em questão, sendo proveniente da espontaneidade de ação do espírito, e feito para fornecer à energia mental

um canal já pronto ao longo do qual a energia do espírito se consuma sem esforço, acaba fatalmente por se tornar num obstáculo. Temos, pois, o espírito reagindo. Mas para que consiga desembaraçar-se do hábito, precisa se habituar por sua vez à repetição espontânea do ato tendente a enfraquecer e a destruir de todo esse empecilho vivo.

Eis, pois, em poucas palavras, um pequeno círculo kármico: o espírito livre criou um hábito que lhe restringiu as possibilidades, mas, senhor ainda de parte da sua liberdade, pode usar dela e, mesmo dentro das prisões das suas possibilidades cortadas, serrar-lhe pouco a pouco as grades e retornar à sua liberdade absoluta. É fato que nós nunca nos sentimos livres no começo da vida, porque, ao abrimos os olhos neste mundo, já viemos carregados das cadeias forjadas no nosso próprio passado; mas é possível soltarmo-nos delas, uma por uma, seguindo o processo do nosso exemplo: o espírito forja a cadeia, arrasta-a consigo, mas pode desfazer-se de cada um dos seus elos com boa vontade e perseverança.

As formas-pensamentos podem também ser dirigidas para esta ou para aquela pessoa pelo seu autor, e segundo a natureza do elemental que as anima, essa pessoa pode receber por elas uma influência benéfica ou maléfica. Não é apenas uma fantasia poética o fato de nós crermos em que os bons desejos de felicidade, os votos amigos, as orações e, em geral, os pensamentos afetuosos têm influência naqueles a quem se dirigem; na realidade, formam em torno do ente querido uma guarda protetora que desvia e combate mais de uma influência perniciosa, mais de um perigo iminente.

Mas não basta que qualquer indivíduo se lembre de querer gerar e projetar as suas próprias formas-pensamentos; como um imã, o homem atrai constantemente para si, do plano astral que o cerca ainda, as formas-pensamentos dos outros, que sejam da espécie a que pertencem os elementais que lhe animam as suas próprias. Vêm-lhes pois, do exterior, reforços consideráveis de energia, que ele faz transitar do mundo exterior para o próprio ser, quer elas sejam benéficas ou maléficas. Se os seus pensamentos são puros e nobres, será uma multidão de entidades benéficas que sofre a atração, a ponto de muitas vezes uma criatura, cheia de espanto, perguntar a si mesma, de onde lhe vem a faculdade de realizar ações grandes e nobres, faculdade que com razão nunca julgou possuir e ser superior àquilo de que se julgava capaz. Pelo contrário, aquele que nutre pensamentos baixos e egoístas, chama a si legiões de entidades maléficas, e este excesso de força para o mal leva-o a crimes que o surpreendem, ao perscrutar o passado. "Que demônio me teria tentado?" — exclama ele, horrorizado de si mesmo; e foram, com efeito, forças verdadeiramente diabólicas que, atraídas pela sua perversidade, vieram acirrá-lo a tal ponto, que a soma de maldade de que se vê capaz causa--lhe verdadeira admiração.

Os elementais que animam as formas-pensamentos boas ou más fundem-se com os do homem, e com os das suas formas-pensamentos, e assim atuam sobre ele, embora vindos do exterior. Mas para esta fusão é necessário que encontrem entidades da sua espécie, com que possam ter afinidades, sem o que não podem exercer qualquer influência. E ainda há mais: se forem de espécie contrária, repelem-se, e assim se explica que o

homem bom expulse, com a sua atmosfera, com a sua aura, o que é mau e impuro. É como se estivesse rodeado de uma muralha defensiva que o pusesse ao abrigo do mal.

Há ainda uma outra forma de atividade elemental que produz resultados de grande alcance e que não devemos omitir neste estudo preliminar das forças que vão provocar o nascimento do Karma. Esta atividade provém, como aliás as forças já estudadas, do fato de as formas-pensamentos povoarem a corrente que reage sobre toda a organização sensitiva ou nervosa, que entra em contato com ela, proporcionalmente à intensidade dinâmica desta. Até certo ponto, quase toda gente lhe sofre o efeito, mas este é mais considerável para as organizações mais sensitivas. Os elementais têm tendência a dirigir-se para seres de natureza similar; agrupam-se em classes, visto, por essência, terem de viver em bandos. Desta maneira, a forma-pensamento projetada pelo homem não só se mantém em íntima ligação magnética com ele, mas vai também para todas aquelas do mesmo tipo, unem-se com elas no plano astral, e constitui, segundo o caso, uma força benéfica ou maléfica, que se incorpora numa espécie de organismo coletivo: É a estes agregados de formas-pensamentos similares, que são devidas as características por vezes flagrantes de opinião nas famílias, nas localidades e nas nações, porque esses agregados formam uma espécie de atmosfera astral através da qual se vêem todas as coisas, banhadas na coloração resultante dessa atmosfera; reagindo sobre o corpo de desejos das pessoas compreendidas nos agrupamentos em questão, suscitam nelas vibrações síncronas. Estas atmosferas kármicas, existentes em volta de cada família, localidade ou

nação, modificam notavelmente a atividade do indivíduo e limitam-lhe de forma considerável a faculdade de manifestação das capacidades de que é possuidor. Apresentando-lhe uma idéia, será através da atmosfera kármica que ele a verá; e essa atmosfera cora e desfigura a idéia. Mas isto conduzir-nos-ia, desde já, a obrigações kármicas de efeito ao longe, cuja apreciação guardaremos para mais tarde.

Estes agregados estendem ainda a sua influência para muito além da que exercem nos homens por meio do corpo de desejos destes. Se esta entidade coletiva, como lhe chamei, compõe-se de formas-pensamentos perniciosas, os elementais que os animam atuam como forças destrutivas e, por vezes, devastam o plano físico. Turbilhão de energias desagregadoras, são a origem caudalosa de acidentes, de convulsões da natureza, de tempestades, furacões, ciclones, tremores de terra e inundações. Mas guardemos também para depois estes resultados kármicos.

## **COMO, EM PRINCÍPIO, SE FORMA O KARMA**

Apanhada bem a relação existente entre o homem, o reino elemental e as energias construtoras do mental — verdadeiras energias criadoras pelo fato de chamarem à existência as formas vivas que descrevemos — é-nos possível compreender, pelo menos em parte, qualquer coisa da gênese do Karma e do seu funcionamento durante um período de existência. Prefiro dizer "período de existência" a "existência" simplesmente, porque esta é muito curta, tomada no sentido vulgar de uma só encarnação, e muito vasta se se considera a existência total, com todas as etapas, feitas com o corpo físico e com os outros, e mesmo sem ele.

Por período de existência, entendo eu um limitado ciclo da vida humana, com as suas experiências físicas, astrais e mentais, incluindo também o regresso ao limiar do mundo físico — as quatro etapas distintas por que a alma passa para completar o seu ciclo. Estas etapas são feitas e refeitas várias vezes durante a viagem do eterno peregrino, no decurso, da nossa humanidade presente, e apesar da grande diversidade de experiências que, no decorrer de cada período semelhante, variam em quantidade bem como em qualidade, esse período de existência compreenderá para a média dos homens, apenas essas quatro etapas.

É preciso e imprescindível não esquecer que a vida humana decorre muito mais tempo fora do corpo físico que encerrada nele; a perfeita compreensão da ação da lei kármica exige o estudo do modo de atividade da Alma na sua condição extrafísica. Recordemos as seguintes palavras de um Mestre, que frisam bem que a verdadeira vida, a única verdadeira, é a vida fora do corpo físico:

Os Vedas, embora conhecessem duas espécies de existências conscientes — a terrestre e a espiritual — assinalam a segunda como a única cuja realidade é incontestável. Quanto à primeira, pela extrema mobilidade e curtíssima duração, não passa de uma ilusão dos sentidos. A nossa vida nas esferas espirituais é uma realidade, porque é lá que vive o nosso Ego eterno, imutável, imortal, o Sutrátmá... Por isso nós dizemos que a vida póstuma é a única real e que a vida terrestre, e com ela a personalidade, é imaginária<sup>4</sup>.

Durante a vida terrestre, a atividade da Alma manifesta-se mais diretamente na criação das formas-pensamentos já descrita; mas para seguirmos com rigor a ação do Karma, analisemos o termo "forma-pensamento" e acrescentemos certas considerações que na vista geral de conjunto apresentada no princípio deixamos de parte. Atuando como espírito, a Alma cria uma imagem mental, a "forma-pensamento" primitiva. Conservemos este termo de imagem mental para representar exclusivamente a criação mediata do espírito e, daqui em diante, restrinjamos-lhe o sentido ao estágio inicial do que entende, em geral, por forma-pensamento. Esta imagem mental fica ligada ao seu criador, como

---

<sup>4</sup> Lúçifer, out.1872 – A Vida e a Morte

parte constituinte da sua consciência; é uma forma de matéria sutil em vibração contínua, o verbo expresso em pensamento, mas não em corpo, pela palavra, concebido mas ainda não encarnado, feito carne. Posto isto, concentre o leitor, por um momento, o espírito nesta imagem mental para dela poder obter uma noção clara, distinta, isolada de tudo mais, separada dos resultados que ela vai produzir sobre os planos diferentes do seu. Como vimos, essa imagem faz parte integrante da consciência do seu criador, faz parte da propriedade inalienável dessa consciência; não pode separar-se dela; carrega-a consigo durante a vida terrestre; transpõe com ela as portas da morte; leva-a para as regiões de além-túmulo; e se, durante a sua viagem ascensional nessas regiões, a consciência entrar numa atmosfera demasiado rarefeita para ela, deixa atrás de si a parte mais densa da matéria que a compõe e arrasta a matriz mental, a forma essencial; ao regressar à região mais grosseira, a matéria deste plano molda-se de novo na matriz mental e, assim se cria a forma apropriada de maior densidade. Esta imagem mental pode conservar-se adormecida durante muito tempo, mas pode também ser despertada, e restituída à vida, ao movimento; qualquer impulso novo da parte do autor, ou das entidades da mesma espécie dela, vem aumentar-lhe a energia da vida e modificar-lhe a forma.

Veremos que ela evoluciona segundo leis definidas e que é o conjunto destas imagens mentais que constitui o carácter do indivíduo. O exterior é o espelho do interior, e, assim como as células se agrupam nos tecidos do corpo e sofrem por vezes, durante esse trabalho de junção, importantes modificações, assim também as imagens mentais se agrupam



e compõem os característicos do espírito, sofrendo também sérias modificações. O estudo do funcionamento do Karma vai lançar muita luz sobre estas modificações. As faculdades criadoras da Alma podem utilizar muitos materiais para a formação das imagens mentais. Se a Alma se move sob a influência do desejo (Kama), a imagem é construída segundo as sugestões da paixão ou dos apetites; se é um ideal cheio de nobreza que a estimula, a imagem será criada conseqüentemente, podendo, por exemplo, ter uma conformação segundo concepções puramente intelectuais, se for essa a tendência dominante. Mas, nobre ou vil, intelectual ou passional, útil ou pernicioso, divina ou animal, não deixa por isso de ser no homem uma imagem mental, produto da Alma criadora e determinante do Karma individual. Sem esta imagem mental, não pode existir Karma individual que ligue um período de existência a outro; a presença da qualidade manásica é necessária para fornecer o elemento permanente no qual o Karma individual se fixa. Por isso, nos reinos mineral, vegetal e animal, a ausência do Manas tem como corolário a não-geração de um Karma individual que possa ligar uma existência a outra.

Consideremos agora a relação que existe entre a forma-pensamento primitiva e a forma-pensamento derivada, ou, o que é o mesmo, entre a forma-pensamento pura e simples e a que é animada, entre a imagem mental e a astro-mental, ou forma-pensamento do plano astral inferior. Como se produziu ela? Que é? Servindo-nos do símbolo já empregado, diremos que ela é produzida pelo Verbo pensamento, tornado Verbo falado; a Alma emite o pensamento, como um fole, e o som toma forma na matéria astral; assim como as idéias do Espírito Universal passam a ser o

universo manifesto depois de emitidas, assim também as imagens mentais vêm a ser, uma vez emitidas no espírito humano, o universo manifesto de seu criador. Ele povoa a sua corrente no espaço com um mundo seu. As vibrações da imagem mental despertam outras análogas na matéria astral mais densa, e estas produzem a forma-pensamento secundária a que eu chamei imagem astro-mental; a imagem mental, propriamente dita, permanece, como já se disse, na consciência do seu criador, mas as suas vibrações saem e reproduzem a sua forma na matéria mais densa do plano astral inferior. É essa a forma que fornece um invólucro a uma parte da energia elemental, particularizando-a durante o tempo que a forma dura, visto que o elemento manásico desta forma dá um tom de individualidade àquilo que a anima.

(Como as correspondências da Natureza são maravilhosas!) É essa a entidade ativa de que o Mestre fala na sua descrição e é esta imagem astro-mental que transpõe, as fronteiras do plano astral, conservando com o seu criador o laço magnético a que nos referimos<sup>5</sup>, reagindo sobre a imagem mental de onde provém e agindo da mesma forma sobre as outras. A duração de uma imagem astro-mental é maior ou menor, segundo as circunstâncias, mas o seu desaparecimento não afeta a persistência da imagem mental; o mais pequeno impulso novo que lhe seja dado, faz com que ela produza novamente o seu duplo astral, do mesmo modo que a repetição de uma palavra conduz a uma forma nova.

As vibrações da imagem mental não só descem ao plano astral inferior, como sobem ao plano espiritual que está por cima<sup>6</sup>; e se no plano

<sup>5</sup> Cf. págs. 16-17 e o quadro da pág. 08.

<sup>6</sup> Estas palavras "subir" e "descer" podem conduzir a erro, visto que os planos não estão uns por cima e outros por baixo, mas sim penetrando-se uns nos outros.

inferior dão origem a uma forma mais densa, no superior geram uma forma muito mais sutil — propriamente nem "forma" lhe deveria chamar, tão sutil ela é — no plano superior, no Akasha, nesta matéria emanada do próprio Logos. O Akasha é o depósito de todas as formas, o tesouro onde o Espírito Universal, infinitamente rico, guarda as abundantes reservas das idéias que hão de vir a criar corpo num universo (Cosmo) dado. É essa matéria que se deixa penetrar pelas vibrações que, no Cosmo, provêm de todos os pensamentos, de todas as inteligências, de todos os desejos, de todas as entidades kâmicas e de todas as ações levadas a cabo por todas as formas, em todos os planos. Todas deixam lá a sua marca, produzindo imagens de tudo o que acontece, imagens sem forma para nós, mas de uma grande precisão para as inteligências espirituais elevadas; estas imagens akáshicas — chamar-lhes-emos assim, daqui em diante — subsistem assim para sempre e são como verdadeiros anais kármicos, são o livro dos Lipikas<sup>7</sup> que todos aqueles que têm os "olhos abertos de Dangma" podem ler. É a reflexão destas imagens akáshicas que a atenção exercitada pode projetar no alvo da matéria astral — à semelhança das figuras projetadas num alvo por uma placa de lanterna mágica — de forma que uma cena do passado pode reproduzir-se com a sua realidade cheia de vida e com a precisão de todos os detalhes, por mais longínqua que seja a sua existência; porque tudo o que aconteceu existe nos anais akáshicos, impresso uma vez para sempre. Cada página destes anais fornece ao vidente exercitado um quadro vivo e cheio de movimento, que ele pode dramatizar e até viver.

---

<sup>7</sup> A Doutrina Secreta

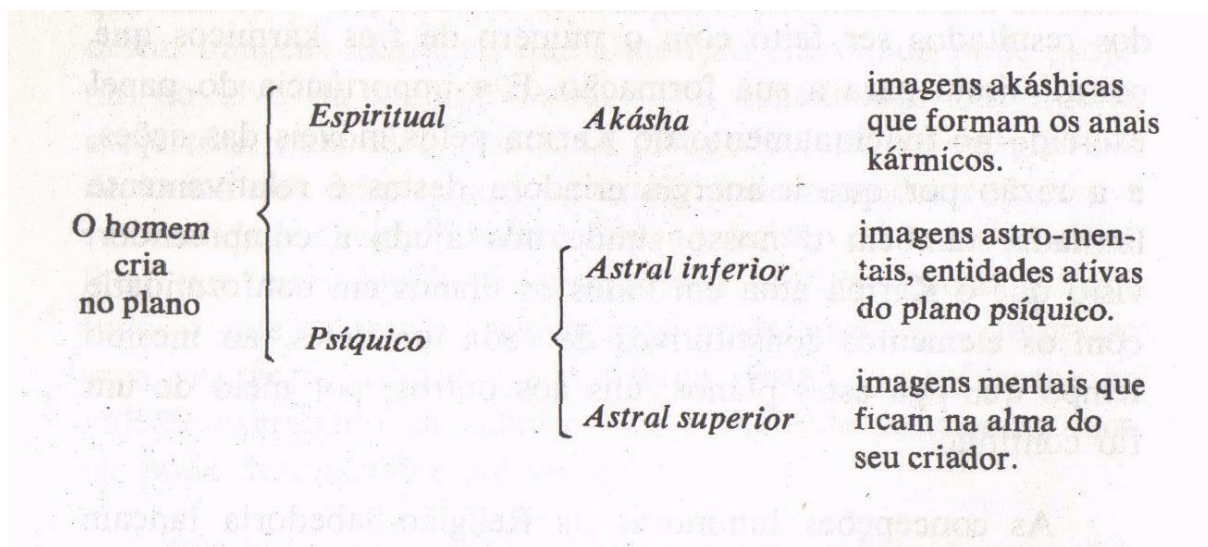
Seguindo com atenção esta descrição, apesar de imperfeita, pode o leitor fazer uma idéia do Karma, como causa. No Akasha pintar-se-á a imagem mental criada pela Alma e dela inseparável, e bem assim a imagem astro-mental que dela emana, criatura ativa e animada, que percorre o plano astral produzindo variadíssimos efeitos, todos eles representados exatamente nas suas relações com ela; estes efeitos permitem remontar à imagem, e por esta ao seu autor, por meio de fios que a imagem astro-mental tecesse da sua própria substância, à maneira das aranhas, cada um com a sua nuance particular. Seja qual for o número de fios que possam ser tecidos com vista à obtenção de um certo fim, cada um deles é sempre fácil de reconhecer e pode ser seguido até ao seu autor primeiro, que é a Alma-criadora da imagem mental. É com esta comparação grosseira, que podemos fazer compreender numa linguagem pobre e insuficiente, às nossas inteligências toscas e terra a terra, como os grandes Senhores do Karma, executores da lei kármica, abrangem com um único golpe de vista a responsabilidade de cada indivíduo, a inteira responsabilidade da Alma, que criou a imagem mental, e a sua responsabilidade parcial derivada dos efeitos longínquos produzidos por essa imagem — responsabilidade maior ou menor, visto cada um dos resultados ser feito com o número de fios kármicos que contribuíram para a sua formação. E a importância do papel exercido no funcionamento do Karma pelos móveis das ações, e a razão por que a energia criadora destas é relativamente limitada, também o nosso símile nos ajuda a compreender, visto que o Karma atua em todos os planos em conformidade com os elementos constitutivos de cada um deles, ao

mesmo tempo que liga estes planos, uns aos outros, por meio de um fio contínuo.

As concepções luminosas da Religião-Sabedoria lançam luz a jorros sobre o mundo, dispersando as trevas e revelando a ação da justiça absoluta que se manifesta, embora à primeira vista não pareça, no meio de todos os aparentes absurdos, desigualdades, sensaborias e desgostos da vida; não é, pois, de admirar que os nossos corações se abram no mais profundo reconhecimento para com esses Magnânicos Seres — abençoados sejam Eles — que empunham o brandão da verdade no meio desta escuridão profunda em que vivemos e nos libertam da tensão, que decerto nos asfixiaria, transformando esta vida numa agonia dolorosa, perante o espetáculo de tanto mal e tanta desgraça aparentemente sem remédio se deles não nos viesse a certeza de uma justiça universal, que tudo vê e remedeia.

Para melhor se compreender o que encerra um período de existência, apresentamos o quadro seguinte que nos mostra o tríplice resultado da ação da alma, estudado em princípio e como tal elucidativo do Karma, considerado como causa.

Os resultados destas imagens são as tendências, capacidades, oportunidades, "entourages", etc., destinadas principalmente às vidas futuras, e são produzidos segundo leis bem definidas.



## **DETALHES DA FORMAÇÃO DO KARMA**

É preciso que o leitor não perca de vista, em primeiro lugar, que a Alma humana, o Ego, o criador do Karma, é uma entidade que se forma, uma individualidade com vida, cuja sabedoria e cujo desenvolvimento mental progredem à medida que ela avança no caminho da sua evolução secular, e, em segundo lugar, que o Manas superior e o Manas inferior são fundamentalmente idênticos. Apenas por comodidade é que os distinguimos um do outro, porque a única diferença que existe entre eles reside no seu funcionamento e não na sua natureza. O Manas superior é o Manas quando opera no plano espiritual, na plena posse da consciência do seu passado; o inferior, é o Manas quando opera no plano psíquico ou astral, levado pela matéria astral, tendo como veículo o Kama. e com todas as atividades contaminadas e coloridas pela natureza passional; está em grande parte cego pela matéria astral que o rodeia, como se fosse um véu; possui apenas uma parte, da consciência manásica total, parte que, na grande maioria dos homens, é representada por uma colheita restrita das experiências mais flagrantes da única encarnação em via de seguimento. Em relação aos detalhes práticos da vida, tal como a maior parte dos indivíduos a considera, o Manas inferior é o "Eu", o que nós chamamos o Ego pessoal; para estes indivíduos, a voz da consciência, considerada de uma forma vaga e confusa como sobrenatural, uma espécie de voz de Deus, é a única manifestação do Manas superior no

plano físico e, com muita razão, por mais errônea que seja a sua opinião acerca da sua natureza, têm-na por imperativa, e assim é realmente. Mas o estudante deve convencer-se de que o Manas inferior é uno com o Sol do qual emana. No céu do plano espiritual, o Manas-sol brilha constantemente, emitindo Manas-raios, raios manásicos, que penetram no plano psíquico; todavia, se os considerarmos como duas coisas distintas, a não ser por comodidade, e principalmente para distinguir o seu lugar de funcionamento, arranjaremos uma confusão de difícil remédio.

E Ego é, portanto, uma entidade que progride. O raio projetado é semelhante a uma mão que se mergulha na água para dela tirar um objeto e que em seguida se retira fechada, segurando o objeto. O desenvolvimento do Ego depende do valor dos objetos recolhidos pela sua mão estendida, e a importância e o valor do seu trabalho, quando o raio volta da sua tarefa, é limitada e condicionada pelas experiências recolhidas enquanto o raio funcionou no plano psíquico. É o caso de um lavrador que vai trabalhar no campo, e apanha chuva e sol, frio e calor, e volta à tardinha para casa; e como é ao mesmo tempo dono do campo em que trabalhou, o resultado do seu árduo trabalho enche-lhe os celeiros e aumenta-lhe a fortuna. Cada Ego pessoal é a parte imediatamente ativa do Ego individual ou persistente; é o representante deste último no mundo inferior, e está tanto mais desenvolvido quanto mais alto é o ponto atingido pelo Ego, considerado como totalidade, como indivíduo.

Compreendido isto, desaparecerá do espírito do estudante que começa a interessar-se pela Teosofia a principal dificuldade, isto é, a idéia de que é uma tremenda injustiça obrigar o Ego pessoal a suportar a



sucessão kármica, que lhe tocou em herança; compreenderá, então, que o Ego que produz o Karma faz a colheita do Karma; o lavrador que tinha semeado faz a sua colheita, embora o vestuário que usava quando semeou se estragasse até a colheita; faz esta com outro fato, mas, por isso, não deixa de ser ele o mesmo que semeou e o mesmo que recolhe. Se não soube semear, se as sementes foram mal espalhadas, o prejudicado na colheita será ele mesmo, quando se apresentar para tirar do solo os produtos do seu trabalho.

Nos primeiros estágios do seu desenvolvimento, os progressos do Ego serão excessivamente lentos<sup>8</sup> visto que, espicaçado aqui e ali pelo desejo, tenderá a ceder às atrações do plano físico; as imagens mentais por ele criadas serão, na sua maior parte, da espécie passional, e, por conseguinte, as imagens astro-mentais serão violentas e passageiras, em vez de fortes e persistentes. Estas últimas terão uma duração proporcional à quantidade de elementos manásicos que hão de entrar na composição da imagem mental. Um pensamento firme e persistente produzirá imagens mentais definidas com nitidez, e imagens astro-mentais firmes e duradouras; a vida apresentar-se-á com um fim definido, com um ideal nitidamente reconhecido, para o qual o mental convergirá constantemente e no qual ele se demorará continuamente; esta imagem mental tomará o caráter de uma influência dominante na vida mental e passará a dirigir a grande maioria das energias da Alma.

Estudemos agora a formação do Karma, por meio da imagem mental. Durante uma vida, o homem forma uma vasta coleção de imagens

---

<sup>8</sup> Cf. O Nascimento e a Evolução da Alma (Birth and Evolution of the Soul).

mentais; umas, fortes, nítidas, continuamente reforçadas por impulsões mentais repetidas, outras, fracas, vagas e tão indecisas que mal o espírito as forma, logo as abandona. Morto o homem, a Alma acha-se enriquecida por miríadas destas imagens mentais de natureza, de força e de objetos variáveis. Umas representam inspirações espirituais, o desejo apaixonado de servir, a ânsia de saber, a promessa de uma consagração à vida superior. Outras são puramente de ordem intelectual: jóias brilhantes do pensamento, quintessência dos resultados de um estudo profundo. Há as emocionais, há as passionais, respirando amor, compaixão, ternura, devoção, cólera, ambição, orgulho, cobiça; outras provêm dos apetites corporais estimulados pelo desejo desenfreado, representantes de pensamentos de gula, de embriaguez e de sensualidade. Não há alma nenhuma que não tenha a consciência atulhada destas imagens mentais, produtos da sua vida mental; não há pensamento que lá não se ache representado, por mais fugitivo que tivesse sido. Podem as imagens astrais ter desaparecido — e isso acontece freqüentemente — podem não ter tido apenas a força suficiente para durar horas, mas as imagens mentais ficam na posse da alma; nem uma só falta. A Alma leva consigo todas estas imagens mentais, quando passa pela morte para entrar no mundo astral.

O Kama-Loka, ou lugar do desejo, está dividido em numerosas camadas, por assim dizer, e a Alma, logo depois da morte, fica sobrecarregada com o seu corpo de desejos completo ou Kama-Rupa; todas as imagens mentais formadas pelo Kama-Rupa, que são natureza animal e grosseira, têm um grande poder sobre as camadas inferiores

deste mundo astral. Uma alma pouco desenvolvida tem em grande apreço estas imagens, e anima-as, preparando assim a sua repetição física na próxima existência. O homem que se deixou dominar por pensamentos de ordem sensual e que formou imagens desta espécie, não somente é atraído para cenas terrestres em que os prazeres dos sentidos representam o papel principal, mas é levado a repeti-las constantemente no seu mental, cultivando assim, na natureza, tendências cada vez mais fortes que no futuro hão de levá-lo a cometer faltas análogas. O mesmo acontece com quaisquer outras imagens formadas de materiais fornecidos pelo corpo de desejos e pertencentes a outras camadas do Kama-Loka. À medida que a Alma se vai elevando das camadas inferiores para as superiores, as imagens formadas com os materiais das camadas inferiores perdem os seus elementos e ficam como que latentes na consciência; e a isso H. P. Blavatsky chamava "privações de matéria" ou idéias suscetíveis de existência, mas fora da manifestação material. O vestuário kamarúpico vai-se depurando destes elementos grosseiros, à medida que o Ego inferior é atraído para cima, ou antes, para dentro, para a região devachânica, porque cada uma das "cascas" abandonadas se desintegra no devido tempo, até que, caída a última, o raio retira-se de vez, livre de qualquer invólucro astral.

Quando o Ego voltar à vida terrestre, essas imagens latentes serão projetadas e atrairão a si os materiais kânicos necessários para a manifestação no plano astral; dela virão os apetites e as emoções inferiores do corpo de desejos na nova encarnação.

Notemos, de passagem, que algumas das imagens mentais que rodeiam a Alma recém-chegada são a origem de muitos dos tormentos nas primeiras fases da vida post-mortem; as crenças supersticiosas, por exemplo, apresentam-se como imagens mentais e torturam a alma, apresentando-lhe cenas cheias de horror que, na realidade, não existem em volta dela<sup>9</sup>. Todas as imagens mentais formadas pelas paixões e pelos apetites estão sujeitas ao processo já descrito e são de novo manifestadas pelo Ego, logo que ele volta à vida terrestre, como diz o autor do Plano Astral:

Os Lipikas, essas grandes divindades kármicas do Cosmo, pesam os atos de cada personalidade no momento em que se deu a separação final dos seus princípios no Kama-Loka, e fornecem, por assim dizer, o molde da Linga Sharira, mais exatamente adequado ao Karma destinado à próxima vida.

Libertada momentaneamente destes elementos inferiores, a Alma entra no Devachân, onde passa um tempo proporcional à riqueza das imagens mentais de pureza suficiente para poderem ingressar nessa região. É aí que ela vai encontrar cada um dos seus esforços sublimes, ainda mesmo os mais efêmeros. É aí que ela os valoriza, os reúne, e se vai munindo, com a ajuda destes materiais de poderes, para as vidas futuras.

A vida devachânica é toda de assimilação; é preciso que as experiências recolhidas sobre a terra sejam empregadas na textura da Alma; é graças a elas que o Ego se desenvolve; o seu desenvolvimento depende do número e da variedade das imagens mentais formadas

---

<sup>9</sup> Esta questão é exhaustivamente tratada no manual O Plano

durante a existência terrestre e fixadas em tipos bem apropriados e mais permanentes. Reunindo num grupo as imagens mentais de uma mesma categoria, a Alma extrai-lhes a essência, e por meio da meditação cria um órgão mental; e deita-lhe, sob a forma de faculdade, a essência que extraiu. Por exemplo, um homem formou um grande número de imagens mentais com as suas aspirações de saber e com os seus esforços para a compreensão de raciocínios sutis e elevados; admitamos que ao abandonar os despojos mortais as suas faculdades mentais são vulgares; no seu Devachân trabalha sobre estas imagens mentais e transforma-as em faculdades, de modo que quando a Alma volta à terra, traz consigo uma bagagem mental superior àquela que possuía antes, de poderes intelectuais mais extensos que lhe vão permitir a realização de objetos, que antes lhe seria impossível.

É assim que as imagens mentais se transformam e, por isso mesmo, deixam de existir como imagens. Se, em existências ulteriores, a alma quisesse vê-las como elas eram, teria de ir procurá-las nos anais kármicos, onde, como já se disse, todas as imagens ficam para sempre gravadas, como imagens akáshicas. Graças a esta transformação, deixam de ser imagens mentais criadas e trabalhadas pela Alma, e tornam-se faculdades da Alma, passando a fazer parte intrínseca de sua natureza. Se, portanto, um homem tem a aspiração de possuir faculdades mentais mais elevadas do que as que atualmente tem, pode promover-lhes o desenvolvimento, uma vez que se resolva energicamente a adquiri-las e faça todos os esforços para essa aquisição; o que é desejo e aspiração numa vida torna-se faculdade, capacidade na outra, o que é vontade de realizar, torna-se

poder de executar. Mas não se deve esquecer que a faculdade assim formada é estritamente limitada pelos materiais fornecidos ao arquiteto; do nada, se cria, e se a Alma, na terra, se descuida com o exercício dos seus poderes, deixando de semear o grão das aspirações e do desejo, escassa será a sua colheita, no Devachân.

As imagens mentais, que foram objeto de uma repetição contínua, mas cujo ardor de realizar, cujas aspirações não podem ir além dos fracos poderes da Alma, transformam-se em tendências do passado, em condutos, onde corre, livre e forte a energia mental. Por isto se vê quanto é importante não deixar o espírito andar ao sabor da corrente dos pensamentos, ao acaso, entregue a objetos insignificantes, criando negligentemente imagens mentais impregnadas de trivialidade, cuja estada se tolera no espírito. Estas imagens formarão, com a sua persistência, espécies de canais ao longo dos quais a força mental se insinuará, não sem serpentear pelos níveis inferiores, ao seguir o trilho do costume, na tendência cômoda de seguir a linha de menor resistência.

Quando a vontade ou o desejo de chegar à realização ;de um certo ato não foram bem sucedidos, não por falta, de capacidade, mas por falta de ocasião, ou porque quaisquer circunstâncias a isso se opuseram, esta vontade ou este desejo produzirão imagens mentais que, — se a natureza do ato é elevada e pura — serão executadas pelo pensamento do plano devachânico, e serão projetadas, como ações, no regresso à terra. Se a imagem mental derivou do desejo de praticar o bem, ela mesma provocará no Devachân a prática mental do bem, e esta, reflexo da própria imagem, deixá-la-á no Ego como imagem mental intensificada por

uma ação que se realizará, no plano físico, por um ato físico, no momento em que a ocasião favorável provocar a cristalização deste pensamento em ato. O ato físico torna-se inevitável quando a imagem mental se realizou como ato mental no plano devachânico. A mesma lei se aplica às imagens provenientes dos desejos inferiores, apesar destas nunca chegarem a ingressar no Devachân; mas não deixam por isso de estar submetidas ao processo já descrito e de se animar ao regressarem à terra. Por exemplo, imagens mentais derivadas de desejos persistentes de ganho cristalizam-se em atos de roubo logo que as circunstâncias se tornem propícias. O Karma é completo como causa, e o ato físico é o seu efeito inevitável quando atinge o ponto para o qual basta uma nova repetição da imagem mental para a transformar em ação. É preciso, com efeito, não esquecer que a repetição de um ato tende a torná-lo automático, segundo uma lei que atua em outros planos diferentes do físico. Se, portanto, um ato é objeto de uma repetição constante no plano psíquico, torna-se fatalmente automático, e logo que a ocasião se apresente, é objeto de uma imitação automática no plano físico. Quantas vezes se diz, depois de um crime, "oh, se eu tivesse pensado um único momento, decerto não o teria feito!". E realmente há uma espécie de desculpa para o criminoso que profere estas palavras, a desculpa da ausência de premeditação; e, além disso, tem a atenuante de ignorar os pensamentos que precederam e constituíram uma série de causas que determinaram um efeito inevitável. É como a solução saturada, para que basta um cristalzinho a mais para lhe provocar a solidificação; ao simples contato do cristal, a massa inteira passa ao estado sólido. Logo que a massa das imagens mentais atinge o ponto de

saturação, a adição de uma única imagem concretiza-as na forma de um ato. E este é inevitável, visto que a liberdade de escolha se acha esgotada pela vontade repetida de produzir a imagem mental; a impulsão mental reduziu o físico à obediência. O desejo de agir, numa vida, torna-se obrigação na seguinte; parece que o desejo é um pedido dirigido à Natureza que responde oferecendo a ocasião de o pôr em execução<sup>10</sup>.

As imagens mentais recolhidas pela memória, representantes das experiências por que a Alma passou na vida terrestre — arquivos onde se aponta fielmente a ação que sobre ela exerceu o mundo exterior — são documentos sobre os quais ela tem também de trabalhar. Estudando-os, meditando sobre eles, a Alma aprende a apanhar-lhes as relações recíprocas, a compreender-lhes o valor como meio de compreensão da ação da Inteligência Universal na Natureza manifesta. Numa palavra, por meio do pensamento paciente a Alma tira desses arquivos todos os ensinamentos que eles encerram: lições de prazer e de dor, de prazer que traz o sofrimento, do sofrimento que dá prazer, lições que provam a presença de leis invioláveis, com que tem de aprender a conformar-se, lições de sucessos e de cheques, de coragem e de desânimo, de receios sem fundamento, de esperanças sem realização, de força impotente perante a prova, de pretensão saber que se traduz em ignorância, de paciente perseverança que arranca a vitória de uma derrota aparente, de temeridade que transforma em derrota uma presumida vitória. Todas estas coisas, todas, a Alma passa pela fieira do seu estudo, e, com a ajuda da alquimia própria, transforma toda esta confusão de experiências em

---

<sup>10</sup> Vide o capítulo seguinte sobre o funcionamento do Karma.



ouro de sabedoria, para que ao regressar à terra, munida com os resultados das provas da vida passada, venha mais experiente, com mais uma ajuda para fazer face às que se lhe depararem na nova existência. Também aqui se deu a transformação das imagens mentais que deixaram de existir como tais, e só se encontram na antiga forma nos anais kármicos.

É graças às imagens mentais, que representam as experiências da vida e mais especialmente por meio daquelas que mostram como o sofrimento é consequência da ignorância da lei, que a consciência nasce e se desenvolve. Durante sucessivos exercícios terrestres, a Alma é tentada pelos desejos a precipitar-se cegamente para qualquer objeto que a atraia; e nessa corrida para ele, vai chocar-se contra a lei e cai dilacerada e exangue. Mais de uma experiência deste gênero lhe tem mostrado que a marcha cega para um objeto, contrariamente à lei, é sempre uma origem de sofrimento e, quando, numa existência terrestre nova, o corpo de desejos tende a puxar a Alma para um prazer de maus resultados, a memória das experiências passadas afirma-se como consciência, chama por socorro em voz alta e refreia os sentidos, que, como corcéis de freio nos dentes, iam precipitar-se de cabeça baixa na perseguição dos objetos do desejo. No estágio atual da evolução, todas as almas, com exceção das mais atrasadas, têm passado por um número de provas suficientemente grande, para reconhecer, de maneira geral, o "bem" e o "mal", isto é, a harmonia Ou a dissonância com a Natureza Divina; e acerca destas questões de moral, não há como uma experiência longa e demorada para permitir à Alma falar com clareza e precisão. Mas no que diz respeito às

questões mais elevadas e mais sutis, as que se referem ao estágio atual da evolução e não aos estágios que já ultrapassamos, a experiência é ainda tão restrita, tão insuficiente, que ainda não pôde transformar-se em consciência, e a Alma pode enganar-se na sua decisão, por mais bem intencionado que seja o esforço despendido para ver, com clareza, o caminho a seguir na luta para o bem.

Aqui a sua vontade de obedecer põe-na em uníssono com a Natureza Divina, nos planos superiores, e a sua incapacidade para ver como há de obedecer no plano inferior encontra remédio no futuro, graças aos trabalhos por que ela passou quando, levemente, foi de encontro à lei. O sofrimento ensinar-lhe-á o que ela ignorava até aí; as experiências dolorosas tornar-se-ão consciência, que a preservará de iguais trabalhos no futuro, que lhe dará a alegria de conhecer mais plenamente Deus na Natureza, de se pôr conscientemente em harmonia com a lei da vida e de conscientemente cooperar na obra da evolução.

Chegados a este ponto, vemos, como conseqüência dos princípios definidos da lei kármica, na sua cooperação com as imagens mentais, como causas, que:

- as aspirações e os desejos convertem-se em capacidades;
- os pensamentos repetidos convertem-se em tendências;
- as vontades de agir convertem-se em atos;
- as experiências convertem-se em sabedoria;
- as provas árduas convertem-se em consciência.

Quanto à cooperação da lei kármica com as imagens mentais, ver-se-á no capítulo seguinte.

## **O FUNCIONAMENTO DO KARMA**

Depois de ter a Alma esgotado a vida devachânica e acabado de assimilar o mais possível das matérias recolhidas durante a sua última existência, começa por ser atraída novamente para a terra, pêlos laços do desejo que a ligavam à vida material. A última etapa do seu último período de vida vai começar, fechando-lhe o Portal do nascimento; pela última vez vai revestir-se de um novo invólucro, de um novo corpo para mais uma experiência de vida terrestre.

A Alma transpõe o limiar do Devachân para o plano da Reencarnação levando consigo os resultados, grandes ou pequenos, do seu trabalho devachânico. Se se trata de uma Alma nova, pouco terá ganho, visto que, no início da evolução das Almas, os progressos são mais lentos do que a generalidade dos estudantes julga, e, durante a infância,

os seus dias de existência sucedem-se com monotonia, conseqüência do pouco que cada uma das suas vidas terrestres semeou e do fato de cada Devachân poucos frutos ter amadurecido. Mas, com o desenvolvimento gradual das suas faculdades, aumenta a velocidade do seu crescimento; tanto mais que a Alma que entra no Devachân com grande abundância de materiais possui, ao sair, um grande acréscimo de faculdades, como no-lo mostraram as leis gerais que já enunciamos.

A Alma deixa o Devachân, revestida apenas com o invólucro que subsiste e se aperfeiçoa durante um Manvantara<sup>11</sup>, cercada pela aura que lhe pertence, como individualidade; esta aura é mais ou menos resplandecente, e multicolor, mais ou menos luminosa, nítida ou extensa segundo o grau de aperfeiçoamento que a Alma atingiu na evolução. Foi forjada no fogo divino, e é como rei Soma<sup>12</sup> que ela faz a sua aparição.

Na passagem pelo plano astral, durante o seu regresso à terra, a Alma reveste-se de novo de um corpo de desejos: — é o primeiro resultado da elaboração do seu Karma passado. As imagens mentais formadas outrora com "materiais imanados do desejo, latentes na consciência — privações da matéria, segundo H. P. Blavatsky, isto é, coisas suscetíveis de existência, mas fora de qualquer manifestação material" — são, então, projetadas para fora pela Alma, transvazam imediatamente da matéria do plano astral os elementos kânicos, de natureza análoga à sua, convertem-se em apetites, paixões e emoções inferiores do corpo de

---

<sup>11</sup> O ciclo de manifestação inclui as sete Rondas — sete grandes "ondas de vida" que vivificam sucessivamente os sete globos que constituem uma Cadeia Planetária da grande "Onda de vida" do Logos. Segundo Madame Blavatsky, em "A Chave da Teosofia", cada Manvantara dura 308.444.000 anos. (N. T.)

<sup>12</sup> Nome místico cheio de significação para quem conhece o papel representado por Soma em certos mistérios antigos.

desejos do Ego nas suas novas encarnações. Feito este trabalho — trabalho, ora rápido, ora demorado — o Ego apresenta-se no vestuário kármico que preparou para si mesmo, pronto para "vestir" o duplo etérico, ou Linga Sharira, que os Altos Senhores do Karma talharam segundo os elementos fornecidos pelo próprio Ego, e pelo qual será moldada a forma do seu corpo físico — que será a casa onde terá de habitar durante a sua nova vida terrestre. Assim aparecem construídos imediatamente, por assim dizer, espontaneamente, o Ego individual e o Ego pessoal; as suas qualidades e "dons naturais" são os resultados diretos dos seus pensamentos. O homem é, afinal, verdadeiramente criado por ele mesmo; é, no sentido preciso do termo, absolutamente responsável pelo que é.

Ora, este homem vai possuir um corpo físico e um corpo etéreo, que lhe condicionarão em larga escala as faculdades; vai viver em um meio especial que exercerá uma grande influência em todas as suas manifestações exteriores, vai seguir um trilho traçado pelas causas que pôs em ação, causas muito diferentes daquelas, cujos efeitos as suas faculdades determinam; vai embrenhar-se em acontecimentos, alegres ou tristes, resultado das forças que gerou. Como se há de preparar o terreno para o exercício de suas energias? Onde encontrar e como adaptar, uns aos outros, os instrumentos oportunos e as circunstâncias reagentes?

Caminhamos para uma região de que pouco se pode dizer, visto que é a das poderosas Inteligências Espirituais, cuja natureza está muito além do alcance das nossas acanhadas faculdades, de que podemos, é certo, conhecer a existência e as obras, mas perante as quais, estamos na posição do menos inteligente dos animais inferiores em relação a nós; um

animal pode saber que existimos, mas não tem a mais pequena idéia da natureza e da extensão das operações da consciência humana. Esses Grandes Seres são chamados Lipikas e os quatro Marajás. Pelas linhas seguintes se avaliará o pouco que deles podemos saber:

Os Lipikas, cuja descrição é dada no Sexto Comentário da Sétima Estância, são os Espíritos do Universo. ...

*Pertencem à parte mais oculta da cosmogênese, que não pode ser revelada aqui. O autor nem sequer sabe dizer se os Adeptos, mesmo os mais elevados, conhecem essa ordem angélica na plenitude dos seus três graus, ou se apenas lhes conhecem o grau inferior, o que tem relação com os anais do nosso mundo, — mas tudo o que se ensina leva a crer que os Lipikas estão em relação com o que é a última suposição, a verdadeira. A respeito dos graus mais elevados da ordem apenas Karma, de quem são, por assim dizer, os arquivistas imediatos<sup>13</sup>.*

São os "Sete Imediatos", os conservadores dos arquivos astrais, que estão cheios das imagens akáshicas de que já se tratou. Estão unidos ao destino de cada homem, ao nascimento de cada criança<sup>14</sup>.

Dão "o molde do Linga Sharira", tipo do corpo físico apropriado à expressão das faculdades mentais e passionais evoluídas pelo Ego, e remetem-nas aos "Quatro" dos Marajás que são:

*os protetores da humanidade e, ao mesmo tempo, os agentes do Karma na terra<sup>15</sup>.*

Acerca deles escreveu H. P. Blavatsky, citando a Quinta Estância do

Livro Dzyan:

<sup>13</sup> A Doutrina Secreta, I.

<sup>14</sup> Id., ib.

<sup>15</sup> Id., ib.

*Quatro "rodas aladas em cada canto. ...*

*para os quatro santos e seus exércitos". São estes os "Quatro Marajás" ou Grandes Reis dos Dhyans Chohans, dos Devas, que presidem a cada um dos pontos cardeais. ...*

*Estes Seres estão também em ligação com o Karma que tem necessidade de agentes físicos e materiais para a execução dos seus decretos<sup>16</sup>.*

Ao receber das mãos dos Lipikas o molde — ou, mais uma vez, a "privação de matéria" — os Marajás escolhem, para a composição do duplo etéreo, os elementos apropriados às qualidades de que ele deve ser a expressão, e este duplo etéreo converte-se assim num instrumento kármico adequado ao Ego, a quem dá, ao mesmo tempo, o meio de exprimir as faculdades que ele evoluiu, e as restrições que, com as faltas passadas e com a negligência no aproveitamento das ocasiões favoráveis, ele impôs a si mesmo. Os Marajás guiam este molde para o país, raça, família e meio social que ofereçam o terreno mais favorável para a execução do Prabdah, isto é, daquela porção do Karma que cabe a cada Ego no primeiro período da sua existência. Uma única existência não basta para esgotar todo o Karma acumulado no passado. Seria impossível fabricar um instrumento ou encontrar um meio que permitisse exprimir todas as faculdades lentamente desenvolvidas pelo Ego, que obedecesse a todas as circunstâncias necessárias à colheita de todas as sementeiras semeadas no passado, e encerrasse todas as possibilidades de

---

<sup>16</sup> Id., ib.

cumprimento de todas as obrigações que a Alma, chamada à encarnação, contraiu com cada Ego, com quem entrou em contato no decurso da sua longa evolução. É, portanto, uma porção apenas do Karma total que pode ser destinada a um único período de existência e que encontra um duplo etéreo apropriado.

Chegado ao terreno apropriado, o molde deste duplo etéreo, é colocado onde o Ego melhor possa entrar em relações com alguns dos Egos que conheceu no passado, Egos que ou estão também encarnados ou vão sê-lo no respectivo período de existência. O país foi escolhido de maneira a que nele se encontrem condições religiosas, políticas e sociais apropriadas a certas das suas capacidades e compatíveis com a ocorrência de determinados efeitos gerados por ela. A raça é tal que — embora submetida também às leis mais gerais da encarnação nas raças, leis de que não se trata aqui — apresenta os característicos análogos a certas faculdades prestes a desabrocharem, e cujo tipo se quadre com a alma em via de reencarnação. Quanto à família, é escolhida uma, cuja hereditariedade física fez evoluir a espécie de materiais físicos que, reunidos no duplo etéreo, adaptem-se à sua constituição; uma família cuja organização material, geral ou particular, deixa o campo livre ao jogo das naturezas passional e mental do Ego.

Entre as múltiplas qualidades da alma e os múltiplos tipos físicos que existem no mundo, a escolha pode fazer-se de modo que se consiga uma adaptação perfeita entre uns e outros: é fácil conseguir para o Ego um invólucro que lhe sirva, um instrumento e um campo de ação que lhe permitam fazer evoluir uma parte do Karma.



Apesar de insondáveis para os nossos fracos meios de compreensão, o conhecimento e o poder necessários para estas adaptações não é, contudo, difícil entrever, ainda que confusamente, a possibilidade de sua realização, obedecendo a um plano de equidade e justiça perfeitas.

Não há dúvida de que a trama de um destino humano deve ser composta de um número inumerável de fios que, no seu conjunto hão de formar um desenho de uma pasmosa complicação. Fios que faltam, porque ficaram sob a urdidura, outros que aparecem repentinamente, todos eles obedecem à lançadeira, que a devido tempo os chamará a cooperar na execução perfeita do tecido. Para nós que, a olho nu, apenas vemos uma parte desse tecido, o destino pode-nos escapar, mas como diz o sábio Jâmblico:

*Aquilo que nos parece ser uma definição exata da justiça não tem o mesmo aspecto para os Deuses. Com efeito, nós, vendo apenas a parte que está perto de nós, apenas fixamos a atenção nas coisas do presente, nesta vida de um momento, e na forma com que ela subsiste. Pelo contrário, os Poderes que estão acima de nós conhecem o conjunto da vida da Alma e todas as suas existências anteriores<sup>17</sup>.*

A certeza de que "o mundo é regido pela justiça perfeita", radica-se à medida que aumenta o conhecimento da Alma em evolução. Efetivamente, à medida que a alma progride e começa a ver nos planos elevados e a transmitir à consciência desperta o que sabe, vamos nós aprendendo com uma certeza sempre crescente, e, por conseqüência, com alegria, que a boa lei atua com uma invariável, que os seus agentes a

---

<sup>17</sup> Sobre os Mistérios, IV, 4, cf. a nova edição da tradução de Thomaz Taylor, publicada pela Sociedade Teosófica, pp. 209-210

aplicam em toda a parte, de uma maneira infalível, com uma força invencível, e que tudo neste mundo, onde as Almas lutam, é pelo melhor.

Nas trevas soa o grito "Tudo vai bem", solto pelas almas vigilantes, que empunham o facho da sabedoria divina através dos caminhos obscuros da nossa colméia humana.

Examinemos agora alguns dos princípios segundo os quais a lei atua; conhecê-los será um auxiliar poderoso para a descoberta das suas causas e compreensão dos efeitos.

Já vimos que os pensamentos constroem o caráter; vejamos agora que as ações fazem o meio.

Temos perante nós um princípio geral cujos efeitos são bastante extensos; estudemo-lo, portanto, com alguma minúcia. As ações de um indivíduo afetam os que lhe estão próximos no plano físico; o homem espalha em torno de si a felicidade ou dissemina a desgraça, aumenta ou diminui a soma do bem-estar humano. Este acréscimo ou esta diminuição de felicidade podem ser devidos a variadíssimos motivos: uns bons, outros maus, e outros participando dos dois. Um homem pode com um ato de bondade pura, com o desejo de dar alegria aos seus semelhantes, espalhar ao longe a bondade; pode, por exemplo, com esse fim, oferecer a uma cidade um parque para recreio público dos seus conterrâneos. Um outro pode fazer a mesma oferta, mas por ostentação, movido pelo desejo de atrair as atenções dos que distribuem as honrarias sociais; e suponhamos que com a sua dádiva à cidade este segundo cidadão obteve, como recompensa, um título qualquer. E um terceiro podia ainda proceder analogamente por motivos diversos, uns egoístas, outros

desinteressados. Os diferentes móveis da ação atuarão diversamente no caráter dos três indivíduos nas futuras encarnações; uns aperfeiçoá-lo-ão, outros imprimir-lhe-ão um retrocesso, e outros ainda poucos resultados obterão. Mas o efeito do gesto que causa prazer e dá felicidade a um grande número de pessoas não depende do móvel que inspirou o doador; todos gozam do parque, sem que nisso influa o motivo que inspirou a oferta, e este gozo geral estabelece a seu favor um direito kármico, um crédito, que a Natureza lhe há de pagar escrupulosamente, como uma dívida; e virá a receber por isso um meio fisicamente confortável ou mesmo luxuoso, visto que ocasionou um prazer físico de que muitos compartilharam; o sacrifício que ele fez de bens físicos traz-lhe a legítima recompensa, o fruto kármico da ação que praticou. E pertence-lhe de direito. Mas o uso que ele fizer da situação que o oferecimento lhe proporcionou, a felicidade que tirar da sua fortuna e do meio, dependerão principalmente do seu caráter, a que corresponderá também uma recompensa, visto que cada sementeira há de produzir a colheita correspondente.

O fato de ter, sempre que lhe foi possível, prestado serviços aos seus semelhantes, durante uma vida, terá o efeito "de, numa outra vida, lhe serem proporcionadas muitas outras ocasiões de servir, e assim o indivíduo que, numa esfera de ação limitada, tiver ajudado todos aqueles que encontra no seu caminho, renascerá numa situação em que as possibilidades de prestar serviços de grande alcance serão muito mais numerosas e extensas.

Da mesma forma, as ocasiões perdidas reaparecem transformadas em obstáculos à ação e em infortúnios. Por exemplo, o cérebro do duplo etéreo terá uma construção defeituosa e produzirá um cérebro físico defeituoso; e o Ego sentir-se-á abaixo da execução dos projetos que fizer, ou, então, se se apodera de uma idéia, não será capaz de imprimi-la com nitidez no cérebro. As ocasiões perdidas transformam-se em esperanças desiludidas, em desejos sem expressão, em ânsia de ajudar o próximo sem possibilidade de realização, por incapacidade ou mesmo por falta de oportunidade.

É a este mesmo princípio que obedece muitas vezes a perda de um filho ou, em geral, de um ente querido. O Ego que de qualquer maneira maltratou ou deixou de amar, tratar, proteger, renascerá num meio em que se ache estreitamente ligado àquele que desprezou; nutrirá por ele a maior afeição, mas para vê-lo ser arrebatado por uma morte prematura. O parente pobre outrora desprezado pode reaparecer como herdeiro estimado, como filho único, querido e estremecido. E os pobres pais, quando, no seu desolamento virem o vazio da sua casa, admirar-se-ão da "injustiça da Providência", que os priva do único filho, alegria e esperança da sua vida, ao passo, que o vizinho do lado continua a gozar a companhia da sua prole numerosa. E, contudo, o Karma continua a distribuir a justiça sempre ao longo da mesma linha de equidade; esta linha é que nem sempre é fácil de descobrir, a não ser para aqueles a quem se abriram os olhos.

Os vícios de conformação provêm das deformidades do duplo etéreo; são condenações perpétuas, infligidas àqueles que se revoltaram

contra a lei ou que, por qualquer forma fizeram sofrer o próximo. São todos obra dos Senhores do Karma, e representam a manifestação física do Ego, no duplo etéreo, formado por Eles. As deformidades devidas aos erros e aos defeitos provêm igualmente da distribuição equitativa da lei que determina essa complexa tendência para a "reprodução de uma doença de família, bem como a forma apropriada do duplo etéreo e a direção que é dada para a família onde essa doença hereditária se instala, oferecendo um "plasma contínuo" favorável ao desenvolvimento dos germes produtores da doença.

O desenvolvimento das faculdades artísticas — para considerar outro gênero de qualidades — provém do molde que os Senhores do Karma fornecem para o duplo etéreo, molde que torna possível a construção de um sistema nervoso delicado, e, muitas vezes, provém da orientação deste molde para que, numa família se tivesse desenvolvido, por vezes em muitas gerações, essa faculdade especial do Ego. Para exprimir a faculdade musical, por exemplo, é necessário um corpo físico especial, uma grande sensibilidade física de ouvido e tato, cujo desenvolvimento necessite da cooperação continuada de uma hereditariedade física.

Os serviços prestados à humanidade, seja por meio de um livro cheio de idéias nobres, seja por meio de discursos de utilidade, pela propagação de idéias elevadas, criam dívidas que são escrupulosamente satisfeitas pelos poderosos agentes da lei. O bem que assim se faz, volta ao benfeitor na forma de assistência mental e espiritual, que lhe é devida em virtude de um direito adquirido.

Esboçamos, pois, de uma maneira geral, os princípios gerais da ação kármica e os respectivos papéis dos Senhores do Karma e do Ego no destino do indivíduo. O Ego fornece os materiais que traz consigo; e os Senhores do Karma empregam-nos — e por vezes o próprio Ego — segundo a sua respectiva qualidade. O Ego constrói o caráter e vai-se desenvolvendo gradualmente; os Senhores do Karma constroem o molde restritivo, escolhem o meio e, em geral, adaptam e ajustam, para que a boa lei encontre sempre a sua expressão infalível a despeito da oposição dos anseios dos homens.

## **COMO SE DEVEM ENCARAR OS RESULTADOS KÁRMICOS**

Reconhecida a existência do Karma, muita gente pensa que, se realmente tudo o que nos acontece é obra da lei, nós não passamos de uns pobres escravos impotentes dessa lei. Antes de considerarmos como a lei serve para dirigir o destino, estudemos um caso-tipo e veremos como a necessidade e o livre arbítrio — para empregar os termos em voga — cooperam no mesmo trabalho na mais perfeita harmonia.

Um homem vem ao mundo com certas faculdades morais inatas — escolhamos um caso médio vulgar de uma natureza passional com

características definidas, umas boas, outras más, com um duplo etéreo e um corpo físico são e de regular conformação, sem nada de notável. Eis o quadro em que ele se move, nitidamente traçado: ao atingir a virilidade encontra-se à frente desta "provisão" de elementos mentais, passionais, astrais e físicos, de que deve tirar o melhor partido possível. Há inúmeras alturas intelectuais a que lhe será absolutamente impossível chegar, concepções que as potencialidades não lhe permitem abranger; há tentações para as quais, apesar de todos os esforços em contrário, ele se sente atraído pela natureza passional, e ainda triunfos de força e de habilidade físicos que nunca poderá realizar e, em resumo, não tarda muito que o homem em questão não perceba que lhe é tão impossível pensar como um gênio, como rivalizar em beleza com um Apoio. Em volta dele há um círculo que lhe limita a ação e que ele não pode transpor, por mais ardente que seja o desejo de liberdade. Além disso, assaltam-no centenas de sensaborias e de aborrecimentos, que não pode evitar; só lhe resta suportar esse desgosto, inevitável, de que não pode fugir.

Vejamos agora como as coisas se passam realmente.

O homem é limitado pelos seus pensamentos passados, pelo desperdício das boas ocasiões, pelas suas escolhas errôneas, pelas suas condescendências tolas; por outro lado, os desejos esquecidos prendem-no, os erros de outrora escravizam-no. E, todavia, não é ele, o escravo, o homem real que está preso. Ele, o autor do passado que lhe aprisiona o presente, pode trabalhar na prisão e criar para si um futuro de liberdade. Ainda mais, basta apenas que saiba que é livre, para que as algemas se soltem; à medida que o seu saber aumenta, as prisões tornam-se ilusórias.

Mas para o homem vulgar, a quem o saber só pode vir como faísca e nunca em forma de chama, o primeiro passo para a liberdade será aceitar as restrições de que é ele mesmo o autor e esforçar-se por alargá-las. Isto é, se não pode realmente pensar logo de início como um homem de gênio pode, no entanto, pensar conforme as suas faculdades, e a pouco e pouco converter-se-á num gênio; está na sua mão criar o poder para o futuro, e se tentar criá-lo, obtê-lo-á. Não lhe será evidentemente possível desembaraçar-se num momento de todas as loucuras, mas poderá lutar contra elas, e se sucumbir na primeira arrancada, poderá e deverá erguer-se de novo, e continuar o combate, porque será ele fatalmente o vencedor.

Há, realmente, grandes fraquezas, grandes monstruosidades astrais e físicas; mas, à medida que o pensamento se fortalece, purifica-se e torna-se mais belo, e a sua obra mais útil, maior garantia tem de formas mais perfeitas para os dias futuros. Encerrado na prisão, é sempre ele mesmo: a Alma livre, que pode derrubar as muralhas que ele ergueu. É o carcereiro de si mesmo, e pode querer a liberdade. E será o querer, a vontade de ser livre, que lhe abrirá as portas da prisão.

Seja um desgosto a perda de um amigo ou uma falta grave. No passado foi o pensador que pecou, no presente é o ator que sofre. Mas o amigo não está perdido; há laços de afeição que os unem ainda, e mais tarde voltará a encontrá-lo. E até lá existem em volta dele tantos outros a quem pode prestar os serviços que teria prodigalizado àquele que amava, e decerto se não se descuidar do cumprimento dos deveres presentes não irá nas vidas futuras ter o mesmo desgosto, sofrer uma perda análoga.



Aquele que cometeu uma falta manifesta sofre-lhe as conseqüências; e se não a tivesse cometido outrora em pensamento, não a perpetraria agora em atos; o seu dever é sofrer pacientemente as conseqüências do mau pensamento da véspera, e diligenciar por pensar hoje, de modo que o dia de amanhã não lhe traga nenhuma triste surpresa. As trevas iluminam-se assim como um raio de luz e essa luz canta-lhe: "Ó, tu, que sofres! O teu sofrimento é obra tua, e ninguém te força a padecer".

A lei que parecia ser um peso que o prendia, transformou-se num par de asas, com que pode elevar-se às vertiginosas alturas, a que nunca chegaria senão em sonhos, se karma não existisse, e tal qual é.

## **A CONSTRUÇÃO DO FUTURO**

A multidão das Almas escoá-se e avança guiada pelo lento decorrer do tempo. A terra arrasta-as no seu movimento, e quando um globo sucede a outro, elas passam de um globo a outro. Mas a Religião Sabedoria é de novo proclamada ao mundo para que aquelas que assim o querem deixem de flutuar ao acaso e possam aprender a caminhar mais depressa do que a lenta evolução dos mundos.

O estudante que aprendeu alguma coisa da significação da lei, da sua certeza absoluta, da sua exatidão infalível, começa a ser senhor de si e a dirigir a própria evolução. Perscruta o próprio caráter e trata de modelá-lo, esforçando-se por exercitar as capacidades mentais e morais, alargando capacidades, fortalecendo fraquezas, preenchendo insuficiências, extirpando inutilidades. Já sabe que há de vir a ser aquilo sobre o que medita; portanto, medita deliberadamente e com regularidade sobre um ideal nobre compreendendo a razão por que o grande iniciado cristão, S. Paulo, recomendava aos seus discípulos "que aplicassem o pensamento às coisas honestas, verdadeiras, puras, justas, dignas de ser amadas e com boa fama". A meditação sobre o seu ideal será diária; diariamente se esforçará por vivê-lo, com calma e perseverança, "sem pressa, sem repouso", sabendo que o está construindo sobre alicerces sólidos, assentes na rocha dura da lei eterna. É para a lei que ele apela; é nela que acha o refúgio. Para um homem assim, não há queda possível, não há, nem no céu nem na terra, poder algum que venha interceptar-lhe o caminho. Durante a vida terrestre, reúne experiências, utilizando tudo o que se lhe apresenta no caminho; durante o Devachân, assimila-as e traça o plano das construções futuras.

É nisso que reside o valor de uma teoria verdadeira da vida, mesmo que essa teoria assente no testemunho de outrem e não no conhecimento individual. O homem que aceita e compreende em parte a obra do Karma pode começar imediatamente a construir o caráter, ponderando muito, refletindo serenamente antes de colocar cada pedra, porque é para a eternidade que constrói. Não mais acumular ou demolir à pressa, seguir hoje um plano, amanhã outro, e não ter nenhum para o dia seguinte. As indecisões acabaram: agora existe o traçado do caráter, e a edificação faz-se seguindo-o à risca. A Alma é o arquiteto e, ao mesmo tempo, o pedreiro da obra; já não perde o tempo que perdia no princípio. Por isso os últimos estágios da evolução se sucedem velozmente, e a Alma, atingida a sua virilidade, torna-se forte e faz progressos espantosos, quase inacreditáveis.

## **O APROVEITAMENTO DO KARMA**

Uma vez resolvido a construir o seu futuro o homem reconhece que moldando o caráter, prepara e compõe o seu destino. É ele o senhor da situação, um ser vivo, ativo, senhor da sua vontade, capaz de agir sobre as circunstâncias e sobre si mesmo. Habitado desde há muito a cumprir as grandes leis morais, as que regulam a conduta da humanidade, estabelecidas pelos Instrutores Divinos, nascidos de idade em idade, compreende agora que as bases dessas leis são os princípios fundamentais da Natureza e que a moralidade é apenas a ciência aplicada à conduta do homem; e vê que, na vida quotidiana, é extremamente fácil neutralizai os resultados maus provenientes de ações más, para o que basta aplicar no mesmo ponto uma força de igual intensidade e de sentido contrário, isto é. dirigido para o bem. Um indivíduo qualquer ,dirige contra outro um pensamento mau; o segundo podia defender-se desse pensamento servindo-se de um de igual natureza^ e, nesse caso, as duas formas-pensamentos fundir-se-iam numa só, como duas gotas d'água, e uma fortalecia e intensificava a outra; mas sabe que existe o Karma, e opõe à força da compaixão, por exemplo, e reduz a outra a pó; a força pulverizada já não pode ser animada pela vida elemental; a vida volta ao seu foco, a forma desintegra-se, a compaixão destrói-lhe o poder para o mal e "o ódio cessa com o amor".

Estas enganadoras formas de mentira andam no mundo astral; o homem, que sabe, envia contra elas formas de Verdade; a pureza expulsa a impureza e a caridade destrói a avareza egoísta. À medida que o saber aumenta, esta ação exerce-se diretamente e a tempo; o pensamento caminha para um fim com uma intenção definida e voa nas asas da vontade poderosa. Desta forma, o mau Karma é apanhado pelo seu próprio princípio, e nada resta que possa estabelecer um laço kármico entre aquele que lançou o dardo traiçoeiro e o que o volatizou com um pensamento de perdão.

Os Instrutores Divinos que falaram com autoridade sobre o dever de combater o mal com o bem, baseavam os seus ensinamentos no conhecimento que tinham da lei; os discípulos que lhes obedecem, sem perceber inteiramente a base científica do preceito, tendem por vezes a intensificar inconscientemente o mau Karma, respondendo ao ódio com o ódio; mas os que sabem, destroem refletidamente as formas do mal, porque compreendem bem os fatos sobre os quais os Mestres sempre basearam o ensino, e ferem de esterilidade as sementes do mal, impedindo assim uma colheita futura de sofrimento.

Chegado a um grau relativamente avançado — comparado com o grau em geral atingido pela média da humanidade que lentamente se deixa ir na corrente - o homem já não se contenta com a construção do caráter, nem tampouco com o aproveitamento, para utilidade própria, das formas-pensamentos que encontra no seu caminho; quer mais. e começa a ver o passado e, por ele, a medir o presente, partindo das causas kármicas para os seus efeitos. Ganha assim a faculdade de modificar o

presente, servindo-se conscientemente das forças que possam contrabalançar outras já em ação. A consciência fornece-lhe a capacidade de utilização da lei com tanta certeza e precisão como os homens de ciência o fazem nos diferentes reinos da Natureza.

Paremos um instante neste ponto e observemos as leis do movimento. Um corpo solicitado por uma força move-se num certo sentido; se outra força de direção diferente atua sobre ele, o movimento do corpo passa a produzir-se numa nova direção que será a resultante das duas impulsões.

Não há perda de energia, mas uma parte da força inicial é empregada em contrabalançar a nova, e a linha segundo a qual o corpo se move não é, nem a da primeira, nem a da segunda força, mas uma linha intermediária que participa das duas direções. Um físico pode calcular com precisão o ângulo sob o qual é preciso impulsionar um corpo em movimento para lhe fazer seguir uma determinada direção, e se o corpo estiver fora do seu alcance, pode enviar na sua direção uma dada força, de velocidade calculada, que o vá ferir sob um dado ângulo e o faça desviar do seu primeiro caminho para o desejado.

E nisto tudo não há a menor violação da lei; há apenas a utilização dessa lei pelo saber, que levou à conquista das forças naturais que a vontade humana força à obediência e emprega para a realização dos seus fins.

Aplicando este mesmo princípio ao: aproveitamento do Karma, vemos imediatamente que não há a menor violação da lei — que não se contraria a ação do Karma — quando um homem, servindo-se do seu

conhecimento, introduz-lhe; modificações. Não faremos mais do que nos servir de uma força kármica para modificarmos resultados kármicos e, mais uma vez, é pela obediência que o homem faz a conquista da natureza.

Suponhamos agora que um estudante já adiantado, ao lançar um olhar para o passado, veja as linhas de um Karma anterior convergirem para um centro de natureza duvidosa; nesse caso, não tem mais que provocar a intervenção de uma nova força para assim modificar o acontecimento, cujo resultado final há de ser a resultante de todas as forças que contribuíram para a sua geração e maturação. Mas para uma operação deste género é preciso conhecimento; não basta o poder de visão do passado, a habilidade em traçar as linhas que o ligam ao presente; é também preciso saber calcular com precisão a influência proveniente da nova força introduzida por ele e, sobretudo, os efeitos que irá produzir essa resultante, considerada agora com força inicial. Sabendo bem como haver-se, pode, por esta maneira, diminuir ou mesmo destruir os resultados do mal que tenha causado no passado, espalhando forças benéficas na sua corrente kármica; não pode destruir nem desfazer o passado, mas no que diz respeito aos efeitos futuros, tem ao seu alcance modificá-los ou desviá-los pela aplicação de forças novas que ele faz atuar como causas na produção desses efeitos. E nisto tudo limita-se a modificar a lei, tal qual o homem de ciência que a uma força opõe outra, e que, embora impotente para destruir um átomo de energia, pode, contudo, por meio de um simples cálculo de ângulos e de velocidade, obrigar um corpo

a seguir um determinado movimento. Compreende-se igualmente que se possa também acelerar ou retardar o Karma e introduzir-lhe modificações, utilizando a ação do meio em que ele se forma.

Não será demais apresentar a mesma coisa sob outro aspecto, porque a concepção é importantíssima e altamente fecunda. Quanto maior é o conhecimento adquirido, tanto maior é a facilidade de nos desembaraçarmos do Karma do passado. Todas as causas, à medida que os seus efeitos se preparam, vêm ao campo visual da alma próxima de liberação, visto que, nesta ocasião solene, ela lança um olhar retrospectivo sobre os séculos lentamente percorridos. E assim obtém uma clara visão da maneira como os seus laços se formaram e das causas que pôs em movimento, e destas separa as que tiveram ação, as que se esgotaram e as que ainda estão em via de realização.

E assim como olha para trás, pode também olhar para a frente e ver os prováveis efeitos dessas causas, de forma que encarando o futuro, vê os efeitos a produzir, e estudando o passado, vê as causas que hão de vir a produzir tais efeitos. Não repugna em nada admitir que, se na natureza física o conhecimento de certas leis nos permite prever certos resultados e saber a lei que os produz, num plano mais elevado possamos imaginar um estado de Alma que nos permita ver as causas kármicas que ela deixou em movimento nas vidas anteriores, e os efeitos kármicos em cujo seio terá de trabalhar no futuro.

Com tal conhecimento das causas e da visão dos respectivos resultados, é possível determinar a intervenção de novas causas neutralizadoras desses efeitos e preparar para o futuro efeitos que se



desejem; basta saber utilizar a lei, confiando cegamente na sua invariabilidade e na sua imutabilidade, e, calculando com cuidado as forças postas em jogo. É uma simples questão de cálculo.

Suponhamos que se puseram em movimento vibrações de ódio; para as aniquilar, para as impedir de agir no presente e no futuro basta opor-lhes vibrações de amor. Não podemos nós — lançando no espaço, sucessivamente, duas ondas sonoras, de modo que as vibrações da parte mais densa de uma correspondam à parte menos densa da outra — obter silêncio por interferência? Pois, o mesmo sucede nas regiões superiores, onde é possível por meio de vibrações de amor e de ódio, empregadas com conhecimento de causa e sob a ação consciente da vontade, pôr termo a causas kármicas e obter assim o equilíbrio, que quer dizer libertação.

Porém este conhecimento está fora do alcance da maioria dos homens e, para remediar essa falta, eis o que pode fazer quem quer utilizar a Ciência da Alma: tomar o testemunho de homens experientes no assunto, seguir os preceitos de moral dos grandes Instrutores religiosos do mundo e, por uma obediência cega a esses preceitos — todos eles mais ou menos intuitivos — chegar a realizar o mesmo que diretamente pode realizar o saber profundo e consciente, pois a obediência a um Mestre pode cooperar na libertação, conseguindo-se, assim, ainda que por um caminho mais longo, o mesmo que se poderia conseguir com o conhecimento.

Aplicando sempre estes princípios, o estudante começará a convencer-se de quanto a ignorância atrasa o aperfeiçoamento do

homem, e do importantíssimo papel que o conhecimento desempenha na evolução humana. Os homens vivem ao acaso porque se deixam cegar. Aquele que quiser fazer o seu caminho com mais rapidez que o comum dos mortais e assim alcançar uma grande dianteira à multidão preguiçosa "como o cavalo de corridas deixa atrás o rocinante", precisa ao mesmo tempo de sabedoria e de amor, tanto saber como dedicação. Não será forçado a desgastar lentamente as malhas das cadeias forjadas num passado remoto; pode limá-las rapidamente e, apesar de levar menos tempo, ficar tão livre delas, como se a sua libertação fosse devida ao trabalho lento da ferrugem.

## **O FIM DO KARMA**

O Karma força-nos a renascer continuamente e liga-nos à roda dos nascimentos e das mortes. O Karma bom arrasta-nos tão inexoravelmente como o mau, e a cadeia forjada pelas virtudes é tão forte e prende-nos tão solidamente como a feita pêlos nossos vícios. Se assim é, como e quando irá parar a construção dessa cadeia, visto que o homem tem de pensar e de sentir enquanto viver, e que pensamentos e sensações geram um Karma? A resposta a esta pergunta é a lição que encontramos no Bhagavad Gitâ, a sublime lição ensinada ao príncipe guerreiro. Não é um eremita nem um estudante que escuta essa lição; é um guerreiro que combate pela vitória, um príncipe que se debate no meio dos deveres do seu cargo.

Nela vemos que não é na ação em si, mas no desejo, na preocupação do fruto da ação que reside a força que liga. Se uma ação se praticou com o desejo de lhe colher e gozar o fruto, haverá qualquer regra de conduta a seguir para obter os resultados desejados? A Alma espera e a Natureza tem o dever de lhe responder; a Alma pediu, a Natureza tem de dar. De cada causa nasce um efeito; de cada ação, um fruto ; o desejo é o laço que os une, o fio que os liga um ao outro. Se este fio puder ser queimado, cessa a ligação; quebrados os laços do coração, a Alma liberta-se. E o Karma não pode detê-la; e nunca mais poderá prendê-la de novo; a roda da causa e do efeito continua a girar, mas a Alma converte-se na vida libertada.

Para perfazer este Karma-Yoga — ou, segundo o seu verdadeiro nome, Yoga da ação — o homem deve considerar a realização de todas as obras como um dever, e fazer tudo em harmonia com a lei. Procurando

conformar-se com a lei, seja qual for o plano de existência em que funcione, o homem tende a converter-se numa força, que atua harmonicamente com a Vontade Divina no trabalho da evolução, e que aspira a uma obediência perfeita em todas as fases da sua atividade. Desta forma, cada uma das ações humanas reveste o caráter de um sacrifício; é uma oferenda que vai ajudar a revolução da roda da lei, oferenda desinteressada, despreocupada do fruto que do sacrifício possa advir; a ação cumpre-se como um dever, e o seu fruto é alegremente ofertado em benefício do próximo, sem que aquele que a pratica se preocupe com ele; o fruto pertence à lei; é ela que o recebe e é ela que, como melhor entende, o distribui.

È o que lemos no Bhagavad Gitâ, IV:

*Aquele cujos empreendimentos são isentos das formas do desejo, cujas ações são consumidas pelo fogo da sabedoria, é chamado Sábio pelos que, espiritualmente, já são sábios.*

*Abandonou toda a preocupação do fruto da ação; sempre satisfeito, não procura, junto de ninguém, qualquer refúgio; exerce ação e, contudo, nada faz-*

*Liberto do desejo, regula os seus pensamentos pelo Eu; tendo abandonado toda a preocupação pelo fruto, as suas ações são apenas praticadas pelo corpo e, assim, não comete pecado nenhum.*

*Satisfeito, embora receba, impassível em presença dos contrários, sem inveja, conservando igualmente o equilíbrio perante o sucesso e perante o insucesso, não está preso apesar de ter agido.*

*Com efeito, morta nele a preocupação do fruto das suas ações, se a harmonia o cerca, se tem os pensamentos fixos na Sabedoria, se as suas obras são sacrifícios, a ação desvanece--se completamente.*

O corpo e o espírito põem em movimento todas as atividades; o corpo executa a ação corporal, o espírito executa a mental; o Eu conserva-se sereno, tranqüilo; da sua essência eterna, nada cede para que se forjem as cadeias do tempo. A ação boa nunca é descurada: à sua execução nunca se falta com a maior fidelidade, em toda a extensão dos poderes existentes; visto que a renúncia ao fruto não implica nem preguiça nem incúria na prática da ação.

*Deixa que o ignorante trabalhe preocupado com o fruto da sua obra, ó Bhârata! Mas que o sábio proceda desinteressadamente, com os olhos fixos no bem-estar da humanidade.*

*Que nenhum sábio perturbe o espírito do povo ignorante, ainda preocupado com o fruto da ação; mas que, procedendo em harmonia consigo, torne todas as obras atrativas<sup>18</sup>.*

O homem que atinge este estado "de inação na ação", aprendeu o segredo da maneira de acabar com o Karma; e este consiste em destruir por meio do conhecimento a ação por ele gerada no passado, em neutralizar a ação presente por meio da dedicação. É assim que ele atinge o estado de que "João, o Divino" fala na sua Revelação, o estado no -qual o homem já não sai do templo. A Alma sai, é certo; muitas vezes do templo para percorrer as planícies da vida; mas chega um tempo em que o homem se converte em pilar, "num pilar do templo do meu Deus". Este

---

<sup>18</sup> Bhagavad Gitâ, III.

templo é o Universo das Almas libertas, e só aquelas, cujo interesse pessoal não as liga a coisa nenhuma, podem estar ligadas a todos em nome da Vida Una.

É preciso que estes laços do desejo pessoal, ou antes individual, sejam desfeitos; podemos ver como esta ruptura começa; mas antes disso, é necessário desfazer um erro em que caem quase todos os que começam a estudar a Teosofia. Não é tentando matar o coração que se consegue quebrar "os laços do coração". Não é convertendo-nos em pedra ou em metal, incapazes de sentir, que nós quebraremos os laços do desejo. O discípulo, à medida que se aproxima da libertação, não vai perdendo a sensibilidade, antes pelo contrário, adquire-a cada vez mais; torna-se mais terno e não mais frio; porque "o discípulo perfeito, que é como o Mestre", é aquele que responde a todas as vibrações do universo exterior, que se comove com tudo e a tudo responde, e que, precisamente pelo fato de nada desejar para si, é capaz de dar tudo aos outros. Uma criatura assim não forja nenhum laço que encadeie a Alma, não fica em poder do Karma.

Quanto maior é o papel de canal para a Vida Divina que o discípulo representa, tanto mais deseja ser ele próprio esse canal, tentando alargá-lo cada vez mais para que, com maior facilidade, nele corra a grande vida; o seu único desejo é converter-se num receptáculo sucessivamente maior e deixar de sentir em si obstáculo para o esgoto exterior da Vida, Trabalhar única e exclusivamente para servir, eis a vida do discípulo, vida perante a qual todas as cadeias que prendem, se quebram e se abrem.

Há, contudo, um elo que nunca se quebra; o dessa unidade real que não é afinal uma prisão, porque não se lhe pode distinguir um caráter separado; o que une o Uno ao Todo, o discípulo ao Mestre, o Mestre ao seu discípulo; a Vida Divina que nos atrai sempre para a frente, sempre para cima, sem nos prender à roda da vida e da morte. Nós somos reconduzidos à terra, primeiro, pelo desejo dos prazeres que aqui encontramos e, depois, pelos desejos cada vez mais elevados que têm a terra por esfera de ação: conhecimento espiritual, desenvolvimento espiritual e dedicação espiritual. Ora o que liga ainda os Mestres ao mundo dos humanos, quando tudo que havia a realizar se realizou? Não é nada que o mundo Lhes possa oferecer. Não existe na terra conhecimento que Eles não tenham, poder que não exerçam, experiência nova que não tenham colhido Daquilo que existe no mundo, nada Os induz a voltar à terra.

E todavia voltam, mas porque um impulso Divino, nascido de dentro e não vindo de fora, Os envia à terra — que, se não fosse ele, poderiam abandonar para sempre — para ajudar os Seus irmãos a trabalharem, século após século, milênio após milênio, para a felicidade e em serviço dos homens: é o que torna inefável o amor e a paz dos Mestres. Em troca, a terra nada Lhes pode dar, a não ser a alegria de ver outras almas desenvolverem-se à Sua semelhança e começarem a compartilhar com Eles da vida consciente de Deus.

## **O KARMA COLETIVO**

A reunião das Almas em grupos formando famílias, castas, nações, raças, introduz um novo elemento de confusão nos resultados kármicos e daí provém aquilo a que se chama "os acidentes" e as adaptações que os Senhores do Karma estão continuamente fazendo. Embora a um homem nada possa acontecer além daquilo que se encontra no seu "Karma individual", parece, contudo, que uma grande catástrofe nacional, um tremor de terra, por exemplo, pode servir de pretexto para ele esgotar



uma certa quantidade de mau Karma, que, em condições normais, não seria afetado no seu período de existência atual. Parece — tudo que eu digo a este respeito é apenas com um caráter especulativo, porque não tenho sobre este ponto conhecimentos especiais — que a morte súbita não pode suprimir o corpo de um homem a não ser que a sua morte seja em decorrência da lei; pouco importa o turbilhão de catástrofes e desgraças em que possa estar envolvido; será um dos que "escapam por milagre", como costuma dizer-se, no meio da morte e da ruína que trouxe os seus vizinhos, a tempestade ou a explosão passarão sem lhe fazer mal. Mas se ele deve uma vida, ou se o seu Karma nacional ou familiar o atraiu para a zona de ação de uma destas catástrofes, não há intervenção nenhuma que o possa salvar, mesmo que a morte súbita não faça parte da trama do Linga Sharira relativo à vida presente. Quando morreu, já se tinham tomado medidas para que não viesse a sofrer injustamente pela sua expulsão súbita da vida terrestre; mas teve a faculdade de pagar a sua dívida no momento em que se deu essa eventualidade, faculdade que lhe foi posta ao alcance da lei, pelo Karma coletivo que o envolve.

Da mesma forma, pode vir a tirar partido desta ação indireta da lei, se, por exemplo, pertence a um país que goza dos efeitos de um bom Karma nacional; pode assim receber o montante de uma dívida que a Natureza não saldaria na vida presente, se apenas entrasse no débito e no haver do Karma individual.

O nascimento de um indivíduo nesta ou naquela nação é função de certos princípios gerais de evolução e, também, dos característicos que lhe são próprios. No seu lento desenvolvimento, a Alma não tem de passar

apenas pelas sete raças raízes de um globo (refiro-me à evolução normal da humanidade) mas também pelas sete sub-raças.

Esta necessidade impõe certas condições pela qual a Alma deve passar. Tem-se notado que, em pontos onde se tem podido seguir longas séries de reencarnações, certos indivíduos progridem regularmente de sub-raça em sub-raça, ao passo que outros são mais errantes e se reencarnam por vezes repetidamente nesta ou naquela sub-raça. Embora sempre dentro dos limites da sub-raça, as características individuais do homem atraem-no para certa nação, e é fácil assinalar a reaparição "em bloco", no teatro da história, das características nacionais dominantes, depois de um intervalo normal de mil e quinhentos anos. E assim vemos romanos encarnados hoje como ingleses, reaparecendo o seu espírito empreendedor, os seus instintos de colonização, conquista e domínio como características nacionais da Inglaterra. O homem com tais características nacionais fortemente acentuadas pode, chegado o momento do renascimento, ser atraído para a nação inglesa pelo seu Karma e compartilhar o destino dessa nação, para o bem ou para o mal, nos limites em que o destino de um país pode afetar a sorte de um indivíduo.

Evidentemente o laço familiar é de um caráter mais geral que o nacional, pelo que se conclui que aqueles que se ligaram por laços íntimos de afeição tendem a renascer em membros de uma mesma família. Por vezes, esses laços encontram-se com persistência em duas vidas, e por isso os destinos de dois indivíduos podem achar-se intimamente ligados nas encarnações sucessivas.

Outras vezes — em virtude da diferença de duração dos Devachâns, diferença ocasionada pela maior ou menor atividade intelectual e espiritual durante as vidas passadas juntamente na terra — os membros de uma família aparecem disseminados e só se voltam a encontrar muitas reencarnações depois. De uma maneira geral, pode afirmar-se que a probabilidade de renascimento num mesmo grupo familiar é função da intimidade dos laços existentes nas regiões superiores da vida. E nisto também influem os Karmas entrecrocados da família do indivíduo, que vão afetar o seu Karma individual; daí resulta um indivíduo poder aproveitar-se deles' com vantagem ou achar-se sacrificado pela sua influência, sem que para isso concorra diretamente o Karma pessoal, saldando, assim, dívidas kármicas, por assim dizer, antes do prazo.

Parece, porém, que este fato traz consigo uma certa compensação — no que diz respeito à personalidade — na passagem no Kama-Loka e no Devachân, para que se faça inteira justiça à personalidade efêmera.

O funcionamento detalhado do Karma coletivo levar-nos-ia para além dos limites de um trabalho elementar, como é este, e ultrapassaria mesmo os conhecimentos do autor. Limitamo-nos, pois, a apresentar ao estudante ligeiros fragmentos. Para perfeita compreensão do assunto tornar-se-ia necessário estudar inúmeros casos individuais e segui-los durante muitos milhares de anos. Sobre estes assuntos é ocioso fazer conjecturas; o que é preciso, é observar com paciência e perseverança.

Há, contudo, um outro aspecto do Karma coletivo. sobre o qual se podem dizer algumas palavras: é a relação existente entre os pensamentos, os atos do homem e os aspectos da natureza exterior.

Sobre este obscuro assunto, damos a palavra a Madame Blavatsky:

*Depois de Platão, Aristóteles explicou que o termo elemento representava apenas os princípios incorporais colocados nas quatro grandes divisões do nosso mundo cósmico para o vigiar. Assim os pagãos não adoram, como crêem os cristãos, nem respeitam os elementos e os pontos cardinais imaginários, mas sim os "Deuses" que governam cada um deles. Para a Igreja, existem duas espécies de seres siderais: os Anjos e os Demônios; para o Kabalista e para o Ocultista, há apenas uma classe desses seres, e nem o kabalista nem o ocultista fazem diferença entre "Retores da Luz", e os "Retores das Trevas" ou Cosmocratores que a Igreja romana imagina e descobre nos "Retores da Luz", visto um deles ser chamado com um nome diferente daquele que lhe dá Não é o Retor ou o Mahârâjah quem castiga ou recompensa com ou sem permissão ou ordem de "Deus"; é o próprio homem que o faz. Porque os atos ou o seu Karma atraem individual e coletiv-mente (às vezes nações inteiras) toda a espécie de males e de calamidades. Nós produzimos Causas e estas despertam os poderes correspondentes do mundo sideral, que são então magneticamente, irresistivelmente atraídos para os criadores dessas causas e reagem sobre eles, quer estes sejam apenas malfeitores por obras ou simplesmente "pensadores" que chocam ações más. A ciência moderna ensina efetivamente que o pensamento é matéria e que "toda a partícula de matéria existente deve registrar tudo o que aconteceu".*

*Assim o anunciam nos seus "Princípios da Ciência", Jevons e Babbage. Cada dia que passa atrai com redobrada força a ciência*

*moderna para a corrente do ocultismo, atração inconsciente, é certo, mas extremamente sensível.*

*"O pensamento é matéria", mas não no sentido do materialista alemão Moleschott que afirma que "o pensamento é o movimento da matéria" — fórmula de um absurdo quase sem igual. Os estados mental e físico aparecem-nos assim em franca oposição. Mas isso não altera a asserção de que todo o pensamento apresenta, a mais do que o seu acompanhamento físico, um aspecto objetivo — embora de uma objetividade supra--sensorial para nós — no plano astral<sup>19</sup>.*

Parece que quando há da parte dos homens uma grande produção de formas-pensamentos de caráter destrutivo, coincidindo com a aglomeração no plano astral de grandes massas de forças, a sua energia pode ser, e é muitas vezes, projetada no plano físico, dando lugar a guerras, revoluções e perturbações de todas as espécies, que vêm a ferir, como Karma coletivo, os seus progenitores; e, assim, o homem é; sob o ponto de vista coletivo, também, senhor do seu destino, e o mundo onde ele evolui toma forma sob a influência da sua ação criadora.

As epidemias de crimes e de doenças, os ciclos de acidentes podem explicar-se de maneira análoga. As formas-pensamentos de cólera concorrem para a perpetração de assassinatos; os elementais desta categoria nutrem-se do crime, e os resultados do crime — os pensamentos de ódio e de vingança da parte daqueles que eram afetos à vítima, o ressentimento feroz e o furor impotente do criminoso ao ver-se expulso à força deste mundo — ajudam a reforçar os seus semelhantes com uma

---

<sup>19</sup> A Doutrina Secreta, I.

quantidade de forças maléficas. Estas, do plano astral onde estão, incitam o homem mau a novos crimes, e assim se inaugura um novo ciclo de novas impulsões que determinam uma epidemia de atos violentos.

Espalham-se doenças e os pensamentos de terror que lhes acompanham os progressos têm uma ação direta que reforça o poder do mal; aparecem perturbações magnéticas, propagam--se e reagem no campo magnético daqueles que se encontram na sua esfera de influência.

Em resumo, de mil maneiras e por todos os lados, os pensamentos maus do homem causam devastações; e o homem que devia ser um divino colaborador na construção do Universo emprega os seus poderes criadores na destruição e no retrocesso do Grande Esquema Divino.

## CONCLUSÃO

Eis em poucas palavras o esboço que é possível fazer da grande Lei do Karma e dos seus efeitos; o conhecimento desta lei permite ao homem acelerar a sua evolução; a sua utilização inteligente liberta-o de qualquer escravidão e dá-lhe o poder de se tornar um dos colaboradores dos Salvadores do Mundo, mesmo antes que a raça, de que faz parte, tenha percorrido todo o seu caminho. A convicção profunda e refletida da verdade da lei dá à vida uma tranqüila serenidade e uma intrepidez perfeita; nada pode aflorar-nos que não tivesse sido posto em movimento por nós mesmos; nenhum mal pode ferir-nos se não o tivermos merecido. E como tudo o que semeamos há de chegar à maturação na estação própria, e há de ser recolhido, é inútil dar largas a lamentações se a colheita for dolorosa; hoje ou mais tarde tem de ser feita, é inevitável; e uma vez armazenada, deixa, para sempre, de nos preocupar.

É, pois, de coração alegre, que o homem deve encarar o Karma doloroso; é preciso aceitá-lo com alegria; vale mais tê-lo no passado do que no futuro, e cada dívida saldada é uma dívida a menos e um capital a mais. Oxalá o mundo conhecesse e pudesse sentir a força que provém desta confiança na lei. Infelizmente, para a maior parte dos ocidentais, ela não passa de uma quimera e, para muitos teosofistas, a crença no Karma é mais um assentimento de ordem intelectual do que uma convicção viva, fecunda, do que uma lei à luz da qual se vive a existência. A força de uma crença, diz o professor Bain, mede-se pela influência que ela tem na

conduta; a crença no Karma tornar-nos-á a vida forte, serena e risonha. Só as nossas próprias ações é que nos podem entrar, só a nossa vontade é que nos pode refrear.

No dia em que os homens conhecerem esta verdade, nada mais lhes é preciso para a sua libertação. A Natureza não pode reduzir à escravidão a Alma que conquistou o Poder pela Sabedoria e que apenas se utiliza dele no Amor.